



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CAMPUS UNIVERSITÁRIO TRINDADE
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Raquel Dezena Torres

Infância e Morte: as potencialidades da Literatura Infantil para a elaboração do luto no contexto das práticas pedagógicas

Florianópolis
2025

Raquel Dezena Torres

Infância e Morte: as potencialidades da Literatura Infantil para a elaboração do luto no contexto das práticas pedagógicas

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Pedagogia do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Rogério Machado Rosa.

Florianópolis

2025

Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado gerenciado pela BU/UFSC.

Dados inseridos pela própria autora.

Torres, Raquel Dezena

Infância e Morte: as potencialidades da Literatura Infantil para a elaboração do luto no contexto das práticas pedagógicas / Raquel Dezena Torres ; orientador, Rogério Machado Rosa, 2025.

68 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Graduação em Pedagogia, Florianópolis, 2025.

Inclui referências.

1. Pedagogia. 2. Infância; Literatura Infantil; luto; morte; escola. I. Rosa, Rogério Machado. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Pedagogia. III. Título.

Dedico este trabalho a todos aqueles que ousam abordar temas considerados tabus pela sociedade. Acolher e encorajar as crianças diante de temas difíceis é dar a chance de compreenderem o mundo ao seu redor e de atuarem nele.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meus pais, que me proporcionaram tudo o que eu precisava para concluir a graduação: suporte e apoio de todos os tipos durante toda a minha vida, até mesmo depois de adulta, à quilômetros de distância do estado de São Paulo onde sempre vivemos, pois escolhi construir uma vida em Santa Catarina. Me deram raízes para me consolidar e asas para voar.

Agradeço a meu irmão, que foi meu colega de moradia, me fez companhia e me ensinou muito durante todos esses anos. Antes de mim, foi ele quem percorreu a trajetória de mudar de estado e construir a sua própria história. Sem ele, eu não teria tido a coragem de fazer o mesmo. Dividimos momentos bons e ruins. Nosso vínculo se fortaleceu.

Agradeço, também, às amigas da graduação, que tanto foram minhas parceiras de estudos, trabalhos e estágios, além de terem sido o meu ombro acolhedor em momentos difíceis. Me incentivaram a encontrar o meu caminho.

Agradeço tão essencialmente, às crianças/estudantes que tive a oportunidade e o privilégio de conhecer durante a trajetória acadêmica. Para mim, as crianças são as raízes da Pedagogia, é por elas e através delas que enxergo sentido em ser professora, educadora, pedagoga. Trabalhar com educação é complexo em qualquer parte do mundo, mas é tão desafiador em nosso país e por isso, não posso deixar de agradecer a todas as professoras que exercem a sua profissão cotidianamente, no chão das creches e escolas, apesar dos pesares.

“Ah! o eterno é o sempre. Não tem nós de nascimentos ou embaraços de mortes. E o pensamento, este é terreno demais para decifrar intenso mistério.” - *Bartolomeu Campos de Queirós, em Escrituras.*

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso teve como foco responder como a abordagem da Literatura Infantil na escola pode contribuir para a ruptura com tabus em torno da morte e para a elaboração do luto na infância. Assim, apresenta-se como objetivo principal: discutir como a abordagem da Literatura Infantil na escola pode contribuir para a ruptura com tabus em torno da morte e para a elaboração do luto na infância. As reflexões de Marília Tozoni-Reis (2015) relacionadas ao fato de que a pesquisa em educação perspectiva a interpretação do fenômeno educativo, evidencia a necessidade de produzirmos, enquanto educadores, conhecimentos sobre os fenômenos presentes no cotidiano educacional, havendo a indicação de que a partir da pesquisa, nos capacitamos enquanto educadores engajados com a melhoria da qualidade da educação, além de contribuímos para a construção de uma sociedade mais justa a partir da produção de conhecimentos obtidos através das nossas pesquisas. A metodologia desenvolvida foi realizada a partir de uma pesquisa qualitativa através do método exploratório, aprofundando o tema a partir de informações coletadas em consequência de uma pesquisa e análise bibliográfica e documental em sites de pesquisa de literatura acadêmica. Foi realizado um balanço da literatura disponível sobre a temática, de modo que a partir do aporte teórico utilizado no desenvolvimento do trabalho e das discussões tecidas, revelou-se o fundamental papel da Literatura Infantil em sala de aula para a compreensão da morte, contribuindo para a elaboração do luto na infância, apresentando potencialidades simbólicas essenciais para tal. O papel do docente para a construção deste processo também revelou-se primordial neste trabalho. Diante das reflexões tecidas, salientou-se que a morte é notadamente tratada enquanto um tema tabu pelos adultos em nossa sociedade, mais especificamente em relação às crianças, sendo considerado um assunto impróprio para elas. Portanto, demarca-se a necessidade de desenvolver o contato, a reflexão e a compreensão de tal temática de maneira geral e principalmente com as crianças, para que assim sejam capazes de elaborar seu entendimento sobre a vida e a morte e conseqüentemente o seu luto.

Palavras-chave: Infância; Literatura Infantil; Luto; Morte; Escola.

ABSTRACT

This Final Paper focuses on answering how the approach to Children's Literature in schools can contribute to breaking taboos surrounding death and to the development of grief during childhood. The main objective of this study is to discuss how the use of Children's Literature in schools can support the dismantling of taboos around death and help in the grieving process during childhood. The reflections of Marília Tozoni-Reis (2015) related to the notion that educational research seeks to interpret the educational phenomenon, highlight the necessity for educators to produce knowledge related to the school's day-to-day reality. Through research, educators are empowered to engage in improving the quality of education and contribute to the construction of a more just society through the knowledge produced. The methodology developed on this Final Paper was based on qualitative research using an exploratory method, deepening the discussion through data collected from bibliographic and documentary research on academic literature databases. A review of the existing literature on the subject was carried out. Based on the theoretical framework used and the discussions developed, the study showed the essential role of Children's Literature in the classroom for understanding death and supporting the grieving process in childhood. It presents symbolic potential that is crucial for this purpose. The role of the teacher in facilitating this process also proved to be fundamental. Through the reflections presented, it became clear that death is often treated as a taboo topic by adults in our society, especially in relation to children, and is commonly considered inappropriate for them. Therefore, the study emphasizes the need to establish contact with, reflect on, and understand this theme, particularly among children, so they can develop their own comprehension of life and death, and consequently, elaborate their grief.

Keywords: Childhood; Children's Literature; Grief; Death; School.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Para onde vamos quando desaparecemos? (Martins, 2015).....	43
Figura 2 – Para onde vamos quando desaparecemos? (Martins, 2015).....	44
Figura 3 – O pato, a morte e a tulipa (Erlbruch, 2023).....	46
Figura 4 – O pato, a morte e a tulipa (Erlbruch, 2023).....	47
Figura 5 – O pato, a morte e a tulipa (Erlbruch, 2023).....	49
Figura 6 – Vovó virou semente (Ciríaco, 2023).....	51
Figura 7 – Vovó virou semente (Ciríaco, 2023).....	54
Figura 8 – Íris - uma despedida (Mebs, 2012).....	55
Figura 9 – Íris - uma despedida (Mebs, 2012, p. 45).....	56
Figura 10 – Harvey, como me tornei invisível (Bouchard, 2012).....	59
Figura 11 – Harvey, como me tornei invisível (Bouchard, 2012, p. 70).....	60
Figura 12 – Harvey, como me tornei invisível (Bouchard, 2012, p. 136).....	61

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Caracterização geral das obras seleccionadas.....	40
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
MOBRAL	Movimento Brasileiro de Alfabetização
USP	Universidade de São Paulo
LEM	Laboratório de Estudos sobre a Morte
ASEC	Associação para a Saúde Emocional da Criança
PDFs	Portable Document Format

SUMÁRIO

1 PRIMEIRAS PALAVRAS.....	12
1.1 Os porquês.....	13
2 ITINERÁRIO METODOLÓGICO: TRILHAS, CURVAS, ENCRUZILHADAS E VEREDAS.....	19
2.1 Traços da Pesquisa.....	19
2.2 O encontro com o tema: um processo investigativo.....	20
2.3 Análise de Conteúdo: inspiração para um processo crítico e reflexivo.....	23
3 CONTEXTO EDUCACIONAL DA LITERATURA INFANTIL.....	26
4 APREENSÃO DA IDEIA DE MORTE E DO PROCESSO DE LUTO NA INFÂNCIA NO CONTEXTO EDUCACIONAL.....	29
5 DOCÊNCIA COM CRIANÇAS, MORTE E LUTO: AS POTENCIALIDADES DA LITERATURA INFANTIL COMO MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA.....	35
6 ANÁLISE, À LUZ DA PRÁTICA PEDAGÓGICA, DE LIVROS DE LITERATURA INFANTIL SOBRE A MORTE E O LUTO.....	39
6.1 Caracterização do acervo literário.....	40
6.2 Análise do acervo literário.....	41
7 DERRADEIRAS CONSIDERAÇÕES.....	64
REFERÊNCIAS.....	66

1 PRIMEIRAS PALAVRAS

A morte, apesar de ser vista e vivenciada como um tema tabu em nossa sociedade ocidental, faz parte da vida de todos, sejam eles idosos, adultos, jovens e até mesmo crianças. A morte faz parte da vida, mas persistimos em continuar renegando tal acontecimento até que ele aconteça e depois costumamos ignorar que ele aconteceu. Se para nós, adultos, muitas vezes é complexo viver e entender a morte das pessoas ao nosso redor, podemos imaginar como é para uma criança. Às vezes não precisamos imaginar, sabemos como é, pois passamos por isso um dia. Todos nós já fomos crianças e temos memórias dos adultos ao nosso redor cochichando ou comentando que determinado assunto não é para criança. Será mesmo?

Nesse contexto, é importante compreender que acompanhada da morte (cessamento das funções vitais do corpo de um ser vivo), está o luto (estado emocional de profundo pesar pela perda do vínculo físico provocado pela morte). Nesse sentido, compreende-se a importância da elucidação do evento morte para as crianças de acordo com as ideias de Neufeld e Reis (2015) que evidenciam a necessidade da criança receber informações elucidativas em relação à morte, considerando que a falta desse conhecimento pode gerar sentimentos complexos, como culpa, medo e até mesmo sensação de abandono. As autoras destacam que restringir o acesso da criança em torno de informações sobre a morte acaba tornando o processo de elaboração de luto ainda mais difícil.

Dessa maneira, infere-se que a partir da elucidação e da compreensão da morte pela criança, colabora-se para a elaboração do seu processo de luto. Ideia que é defendida por Papalia e Feldman (2013) no sentido de vislumbrar que o luto ocorre da mesma maneira como ocorre a compreensão da morte, isto é, a vivência do luto acontece de acordo com o desenvolvimento cognitivo e emocional da criança. Ela pode expressar seu luto através de comportamentos mais evidentes, como sentindo raiva ou se negando a aceitar que a pessoa morreu. Neste processo, a criança pode se sentir confusa com explicações como “a pessoa se foi”; “a pessoa dormiu”, geralmente dadas pelos adultos ao seu redor.

Assim sendo, defendo a importância da elucidação do evento morte para as crianças, buscando colaborar para a elaboração do seu processo de luto, permitindo que através da conversa, haja a partilha de lembranças e dos sentimentos causados pela perda de um ente querido. Dessa maneira, o luto é vivenciado de maneira coletiva, partilhada e assim torna-se

uma experiência mais acolhedora e possível de ser vivida. A criança, assim como os adultos, também tem o direito de se inteirar do que aconteceu, compartilhar sentimentos e lembranças sobre a pessoa que morreu. O segredo e o silêncio tornam a experiência da perda muito mais dolorosa e confusa para a criança, pois ela passa a se questionar o que aconteceu; o porquê a pessoa não aparece mais; para onde ela foi; etc. Portanto, é de suma importância que o tema morte não seja tratado como um tabu e sim como um evento natural e certo na vida de todas as pessoas.

Nesse sentido, defendo a ideia de que a compreensão sobre o processo de luto é essencial para todas as pessoas, inclusive na infância, pois além da morte biológica, as crianças passam por muitas outras experiências dolorosas que geram luto, como por exemplo: mudar de cidade, de escola; a perda de um brinquedo; um sorvete que cai no chão; uma viagem cancelada; um planejamento que não dá certo; o distanciamento de uma amizade; entre tantas outras situações vivenciadas no cotidiano até que ela cresça e se torne um jovem adulto. Dessa maneira, não pode-se esperar que a criança passe por toda a sua infância sem conseguir entender e ter o direito de elaborar seus lutos. É importante que a criança tenha acesso a conhecimentos e aprenda a construir os seus próprios caminhos junto de seus lutos cotidianos e que estes lutos sejam reconhecidos e validados pelo mundo ao seu redor.

1.1 Os porquês

A escolha da temática deste TCC justifica-se pela minha história de vida e pelas aprendizagens que tive durante a graduação. Ingressei no curso de Pedagogia na UFSC no ano de 2019. Migrei do estado de São Paulo, no qual nasci e vivi até os meus 18 anos, para Santa Catarina, buscando estudar e construir uma vida diferente da qual eu conhecia no interior paulista. Dentre as tantas discussões tecidas durante a graduação, a temática da morte retratada em um livro de Literatura Infantil apresentado pela professora Eliane Debus, na disciplina de Literatura e Infância, foi determinante para que futuramente este trabalho fosse pensado e escrito.

Apesar de ter encontrado a temática da morte e do luto na graduação, muitos anos antes eu a conheci enquanto criança. Aos 7 anos vivenciei a morte da minha bisavó, que viveu 99 anos. A minha família tratou a sua morte com muita naturalidade comigo. Eu já sabia que ela tinha vivido muitos anos e que estava doente, portanto, foi normal que isso acontecesse. Me avisaram, mas não fui no velório ou enterro, não me pediram para que eu fosse e eu

também não tive vontade de ir. Simplesmente entendi. Dois anos depois, aos 9 anos de idade, vivenciei ao lado da minha prima, a morte do seu tio. Desta vez, no entanto, a morte foi diferente. Suicídio. Me lembro de estar na casa da minha avó, do caos da notícia para os adultos ao redor, de irmos para o local onde tudo aconteceu, a comoção. Foi uma experiência completamente diferente da que um dia eu já podia ter imaginado enquanto criança. Esta morte não foi natural para os adultos, para a família. Não se falava no assunto conosco, era um porquê escondido, a não ser pela expressividade de um adolescente, primo da minha prima, que enquanto tomávamos chup-chup¹, nos explicou os motivos pelos quais uma pessoa pode se sentir tão triste a ponto de causar a sua morte.

A morte, apesar de acontecer com todo mundo, ocorre em tempos e de maneiras diferentes com cada pessoa. Para mim, apesar de complexo, foi essencial entender o motivo pelo qual as mortes de pessoas conhecidas iam acontecendo ao longo da minha vida. Se não entendemos, ficamos ansiosos, preocupados, com medo. A criança também tem o direito de elaborar o seu luto, de compreender que os seres vivos têm o seu ciclo natural de vida, que por vezes podemos morrer por idade, doença, acidente, angústia e muitos outros motivos. O segredo, o silêncio e o proibido tornam qualquer experiência muito mais difícil de experienciar, se torna solitária. A conversa, ao contrário, elucida, acolhe, abre caminhos, é compartilhada, coletiva. Esta ideia é defendida na seguinte argumentação:

Se o adulto que está ao lado desta criança se nega a esclarecer verbalmente sobre a morte, o processo de luto dela fica, em um primeiro momento, perturbado, pois envolve aceitar que alguém se foi para sempre. As explicações mais utilizadas são as que a pessoa foi para o céu, foi viajar a trabalho, ficou doente, que logo vai voltar, entre outras, esse tipo de esclarecimento só proporciona dor, confusão e frustração permanente para as crianças. Esse tipo de resposta, que num primeiro momento tem a função de proteger a criança da dor, apenas causa mal a longo prazo, privando-a de vivenciar o luto e o vivenciar de uma forma mais saudável (Santana, 2022, p. 344).

Nesse sentido, é essencial pensarmos em formas de elucidar, explicar, conversar e vivenciar coletivamente a temática morte e luto. A partir desta defesa, proponho a possibilidade de utilizar livros como uma forma de comunicação, expressão e reflexão. Eles contam histórias e nos fazem pensar, questionar, entender.

Em relação à Literatura Infantil, pode-se evidenciar que é composta por gêneros literários idealizados e elaborados a partir das necessidades e expectativas do seu público leitor. Nesse sentido, a classificação do que é ou não apropriado para as crianças depende e

¹ Chup-chup é um doce congelado feito com sucos, refrigerantes ou leite, colocado em saquinhos plásticos. É uma sobremesa popular no Brasil, especialmente durante os dias quentes.

varia de acordo com a concepção de infância que as diferentes sociedades possuem. Assim, certas temáticas podem ser consideradas adequadas para uma comunidade ao mesmo tempo que podem ser inadequadas para outra. A partir deste contexto, é possível abarcar conteúdos clichês e estereotipados, como as histórias de super-heróis, principalmente destinadas aos meninos e das princesas, principalmente destinadas às meninas. Nesse sentido, a infância pode ser compreendida como:

Um guarda-chuva a abrigar um conjunto de distribuições sociais, relacionadas às diferentes condições: as classes sociais, os grupos etários, os grupos culturais, a raça, o gênero; bem como as diferentes situações: a deficiência, o abandono, a vida no lar, na escola (a criança e o aluno) e na rua (como espaço de sobrevivência e/ou de convivência/brincadeira). É nessa distribuição que as concepções de infância se amoldam às condições específicas que resultam na inclusão e na exclusão de sentimentos, valores e direitos (Fernandes; Kuhlmann Júnior, 2004, p. 30).

Dessa maneira, é essencial refletir sobre o fato de que as concepções de infância vão sendo constituídas histórica e socioculturalmente, isto é, que o entendimento do que é infância se modifica ao longo do tempo e de acordo com os distintos contextos sociais, econômicos e culturais, podendo consolidar e perpetuar discursos retrógrados, clichês ou até mesmo preconceituosos e de que essas mudanças e consolidações também são reproduzidas na Literatura Infantil, que é fruto da produção humana. No entanto, a Literatura Infantil também pode ser um meio de resistência, sendo pensada e apresentada a partir de gêneros literários críticos, reflexivos e potencializadores, envolvendo temáticas que provocam dúvidas, inquietações, questionamentos e reflexões, abrangendo assuntos mais desafiadores, como as desigualdades sociais, as realidades e os enfrentamentos relacionados à raça, ao gênero, à sexualidade, à religião, à sustentabilidade, à morte e também ao luto.

A decisão da escolha dessa temática para os meus estudos e pesquisas também foi instigada por uma prática de leitura que sempre foi incentivada por meus familiares, além do grande divertimento que eu encontrava, enquanto criança, em escrever histórias em papel sulfite, desenhar e enviar por correio para o meu primo, também criança, para fora do país. Além desse essencial incentivo, a participação enquanto estudante na disciplina Literatura e Infância, na qual tive a oportunidade de entrar em contato com importantes discussões relacionadas à Literatura Infantil, envolvendo questões que abrangem a sua concepção histórica, o design, os livros de imagens, além de ter realizado a elaboração e a materialização de um livro artesanal, também aprofundou o meu interesse no mundo da Literatura Infantil.

Foram realizadas discussões na disciplina de Literatura e Infância tratando sobre o fato

de que muitos livros acabam reproduzindo diversos tipos de estereótipos que estão presentes em nossa sociedade. Muitas vezes, são propagados os mesmos tipos de histórias, com personagens, narrativas, lições de moral e desfechos essencialmente iguais, o que acaba reduzindo o repertório literário infantil a meras reproduções de histórias sobre heróis e princesas, por exemplo. No entanto, também há muitas histórias com temáticas interessantes, como os livros infantis que abordam a temática da morte, em que em muitos deles, as narrativas são construídas a partir de uma história metafórica sobre a perda de um dos personagens, de modo que no desfecho do livro, compreende-se que houve a morte. Sendo assim, a partir desse importante despertar, encontrei no mundo da Literatura Infantil, uma possibilidade de estudar e pesquisar sobre o luto na infância.

Nesse sentido, partindo das considerações de Menegazzi e Debus (2018), é possível compreender que a Literatura Infantil é constituída a partir do leitor implícito, ou seja, que as histórias devem ser elaboradas para um determinado público que se perspective que irá realizar tal leitura. Assim, compreendendo a importância de oferecer temáticas desafiadoras para o público infantil, tendo como objetivo formar indivíduos críticos e reflexivos, também é necessário considerar que as crianças possuem vivências de acordo com a sua idade, classe social e cultura e é nesse sentido que os livros devem ser pensados, levando em conta as suas competências linguísticas, que possibilitam que aconteça a compreensão das histórias contadas nos livros. Além disso, entende-se a importância da competência textual pela relação entre texto e leitor, envolvendo a quantidade de páginas, a fonte das letras, o espaçamento entre as linhas do texto, a presença ou não de ilustrações, podendo haver livros apenas com música, texto, mesclando texto com ilustração ou apenas com ilustrações. Estes fatores são essenciais para possibilitar a interpretação das obras literárias na infância, devendo essas serem preocupações dos escritores e ilustradores.

Logo, este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) partirá de uma compreensão mais geral da Literatura Infantil, havendo um aprofundamento nas questões relacionadas ao luto na infância, envolvendo o processo de compreensão da morte a partir da Literatura Infantil. Destarte, considerando Bowlby (1960) e Klein (2017), evidencia-se que a morte de um ente querido pode ser um dos momentos mais importantes e transformadores na vida de uma criança, de modo que a apreensão da ideia da morte tem influência no desenvolvimento afetivo, cognitivo e social. Tal concepção varia de acordo com a idade da criança, de modo que a representação de determinados conceitos está relacionada com os estágios de

desenvolvimento e à maturação dos processos cognitivos de cada indivíduo. Além disso, vislumbra-se que a cultura influencia os meios e os processos pelos quais a perda de um ente querido será elaborada. Nesse sentido, serão abordados os meios pelos quais professores e professoras podem atuar na escola, considerando as suas possibilidades e limites durante esse processo.

Diante dessas explicações, exalto a necessidade de estudar e pesquisar sobre a importância da Literatura Infantil para a compreensão da morte e do luto na infância no contexto escolar. É essencial que haja justificativas embasadas teoricamente para que professores e professoras considerem tal temática na construção de suas práticas pedagógicas. Isto é, que encontrem na literatura, um meio de lidar com a morte e com o luto junto das crianças, não esquecendo que essa é uma realidade para muitas delas e por isso ela não pode ser deixada de lado e ignorada como se fosse um assunto inadequado e proibido. Sendo assim, a partir das informações coletadas em sites de literatura acadêmica, como o Google Acadêmico e o Repositório Institucional da UFSC, serão realizadas discussões abrangendo a Literatura Infantil, tendo em vista a compreensão da morte, visando uma trajetória de luto consciente, levando em consideração questões relacionadas ao uso da Literatura Infantil no contexto da educação; à apreensão da ideia de morte e do processo de luto na infância e ao papel de professores e professoras no processo de ensino e aprendizagem relacionado à morte e ao luto envolvendo o uso de livros de Literatura Infantil.

O trabalho “Infância e Morte: as potencialidades da Literatura Infantil para a elaboração do luto no contexto das práticas pedagógicas”, possibilita que inúmeras reflexões e indagações sejam realizadas, de modo a reunir as explicações desenvolvidas sobre o tema, com a utilização de um embasamento teórico referente a autores e obras que tratam sobre o assunto, o que possibilitou que eu levasse em consideração o seguinte problema/pergunta, buscando respondê-lo com este Trabalho de Conclusão de Curso: **como a abordagem da Literatura Infantil na escola pode contribuir para a ruptura com tabus em torno da morte e para a elaboração do luto na Infância?**

Diante dessa questão, estabeleço como **objetivo geral**:

- Discutir como a abordagem da Literatura Infantil na escola pode contribuir para a ruptura com tabus em torno da morte e para a elaboração do luto na Infância.

Para o desenvolvimento deste objetivo geral, proponho os seguintes **objetivos**

específicos:

1. Mapear o uso da Literatura Infantil no contexto educacional;
2. Refletir sobre a importância da apreensão da ideia de morte e do processo de luto na Infância no contexto educacional;
3. Argumentar sobre a docência com crianças, morte e luto, abarcando as potencialidades da Literatura Infantil como mediação pedagógica;
4. Analisar, à luz da prática pedagógica, livros de Literatura Infantil que abordam a morte e o luto.

Utilizando as reflexões de Marília Tozoni-Reis (2015) relacionadas ao fato de que a pesquisa em educação perspectiva a interpretação do fenômeno educativo, evidencia-se a necessidade de produzirmos, enquanto educadores, conhecimentos sobre os fenômenos presentes no cotidiano educacional. É importante considerarmos que a partir da pesquisa, nos capacitamos enquanto educadores e contribuimos para a qualidade da educação e para a construção de uma sociedade mais justa a partir da produção de conhecimentos obtidos através das nossas pesquisas.

2 ITINERÁRIO METODOLÓGICO: TRILHAS, CURVAS, ENCRUZILHADAS E VEREDAS

2.1 Traços da Pesquisa

A realização de pesquisas exige que haja uma sistematização no intuito de garantir seu compromisso social, devendo ter qualidade científica e é nesse sentido que justifica-se a existência do caráter metodológico da pesquisa, objetivando atingir certa relevância social e científica. Dessa maneira, compreendendo que há um caminho a ser seguido durante o processo de elaboração da pesquisa, vislumbra-se o fato de que o ato de planejar a realização de uma pesquisa não é neutro. Tal processo é carregado de opiniões, escolhas e reflexões que contribuirão para a apresentação de um encadeamento de ideias que irão compor uma sequência de indicações, explicações e reflexões importantes e potentes para a discussão da temática pesquisada.

Sendo assim, Tozoni-Reis (2015) indica que o papel dos procedimentos na metodologia possui como objetivo informar o caminho a ser percorrido na pesquisa, contendo uma descrição envolvendo técnicas e instrumentos a serem utilizados no seu processo de construção, havendo a necessidade de garantir que os procedimentos e atividades possuam coerência teórico-metodológica. Desse modo, indica-se que em um projeto de pesquisa em educação, encontramos na metodologia, uma reflexão teórica sobre metodologia de pesquisa qualitativa e da modalidade de pesquisa escolhida para o trabalho. Assim sendo, ressalta-se a importância de haver procedimentos de organização no intuito de evidenciar o trajeto a ser realizado para a elaboração da pesquisa.

A partir desse embasamento teórico, esta pesquisa será bibliográfica no sentido de propiciar a coleta e a organização de informações que contribuam para a discussão e reflexão sobre o luto na infância abordando a compreensão da morte a partir da Literatura Infantil, compreendendo as seguintes explanações:

Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta. As conclusões não podem ser apenas um resumo. O pesquisador tem de ter o cuidado de selecionar e analisar cuidadosamente os documentos a pesquisar de modo a evitar comprometer a qualidade da pesquisa com erros resultantes de dados coletados ou processados de forma equivocada (Fonseca, 2002, p. 31).

Além de bibliográfica, a pesquisa também será documental no sentido de propiciar a coleta e a organização de informações que contribuam para a discussão e reflexão sobre o luto na infância incluindo a compreensão da morte a partir da Literatura Infantil, compreendendo as seguintes indicações de Matos e Vieira (2001) em relação ao fato de que a pesquisa documental percorre os mesmos caminhos da pesquisa bibliográfica, sendo por vezes difícil distingui-las. A pesquisa bibliográfica usa fontes constituídas basicamente por livros e artigos científicos em bibliotecas. Já a pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas, sem tratamento analítico como: fotografias, pinturas, vídeos, jornais, revistas, cartas, etc.

Sendo assim, a metodologia escolhida se desenvolve através da pesquisa qualitativa e do método exploratório, visando o aprofundamento do tema, a partir de informações coletadas em consequência de uma pesquisa e análise bibliográfica e documental.

2.2 O encontro com o tema: um processo investigativo

A busca da temática foi realizada em sites de pesquisa de literatura acadêmica, como o Google Acadêmico, Scielo e o Repositório Institucional da UFSC, em busca de artigos, teses, dissertações e resumos que contribuíssem para a elaboração do trabalho. Foram pesquisas palavras-chave, como: “luto na infância”; “morte na Literatura Infantil”; “papel do professor no ensino da morte” com o objetivo de localizar trabalhos específicos relacionados à temática deste TCC. Além disso, levando em consideração a relevância social de estudar, pesquisar e trabalhar com a Literatura Infantil a fim de possibilitar a compreensão da morte e propiciar a elaboração do luto na infância, realizei pesquisas no Google e no Youtube, li sinopses e assisti a resenhas e a contação de histórias tendo como objetivo escolher livros indagativos, criativos e potentes. Os livros escolhidos foram adquiridos através de sites de compra online. Dessa maneira, tive acesso aos livros físicos. Para o processo de seleção do acervo, alguns livros deixaram de ser selecionados levando em consideração uma perspectiva mais crítica e cética da minha parte, seja pelo uso de termos clichês como “virou estrelinha” ou com uma compreensão religiosa sobre a morte. Como por exemplo foi o caso do livro: “É triste quando alguém morre: Um livro sobre o pesar”, de Linus Mundy, o qual oferece uma explicação religiosa sobre a morte e o luto, como pode-se perceber no seguinte trecho:

Peça a Deus que ajude você e todos. Algumas pessoas dizem que até mesmo Deus fica triste quando alguém morre. É bom falar com Deus na oração. Pedir a ele que ajude você, seus familiares e amigos nesse momento. Peça a Deus para cuidar da pessoa que morreu (Mundy, 2014, s.p.).

Além deste, o livro “O que acontece quando alguém morre? Um guia para as crianças lidarem com a morte e os funerais”, de Michaelene Mundy, não foi incluído por também apresentar uma visão religiosa sobre a morte e o luto, como pode-se notar através da seguinte passagem:

O que eu posso fazer a respeito da minha tristeza quando alguém que eu amo morre? Nossa fê nos diz que o corpo pode morrer, mas a alma ou o espírito vai para outro lugar, junto de Deus. O corpo é uma realidade que podemos ver e tocar. O espírito ou a alma é o que faz cada pessoa especial (Mundy, 2011, s.p.).

Por fim, o livro “Bernardo: uma estrela brilhante”, de Júlia de Souza Machado, também não foi utilizado por retratar a concepção de que após a morte a pessoa “vira estrelinha”, transmitindo uma visão mais clichê sobre o pós morte e por também conter um entendimento religioso sobre ela, como é possível refletir a partir do seguinte trecho:

[...] -Avisem a todos lá embaixo que estou bem. A vida continua depois da morte do nosso corpinho físico e, principalmente, contem a eles que eu os amo muito! Mal posso esperar pelo momento de estarmos todos juntos novamente, mas até lá, vivam a vida com muito amor e alegria, espalhando sorrisos por onde passarem. Se alguém perguntar, digam que me tornei uma estrela, grande e brilhante, a iluminar seus caminhos... (Machado, 2024, s.p.).

Diante dessas “não escolhas”, considero essencial evidenciar que apesar desse ser o meu ponto de vista para selecionar os livros de Literatura Infantil a serem analisados ao longo deste trabalho, existem muitos outros entendimentos sobre a vida, a morte, o após a morte e o luto. Em um mundo com tantos países e comunidades, coexistem distintas cosmovisões, isto é, múltiplas maneiras subjetivas de entender o mundo, os papéis de cada indivíduo, a existência humana e de todos os seres vivos, que também podem perpassar por compreensões mais céticas como a definida neste trabalho, mas muitas outras envolvem religiões, como o cristianismo, o judaísmo, o islamismo, o hinduísmo, o budismo, o espiritismo, a umbanda, o candomblé e tantas outras. Em algumas religiões há apenas um único Deus, em outras há vários Deuses e divindades, em outras há orixás e guias espirituais, com tradições, práticas e rituais diferentes umas das outras. Em algumas religiões, o local onde se pratica a religiosidade é chamado de igreja, mesquita, sinagoga, templo. Os livros sagrados também são próprios de cada uma. Também é possível falar sobre os povos indígenas, os quais, culturalmente, têm uma relação próxima com a natureza, as plantas e os animais, celebrando a passagem da vida e a chegada da morte, com a forte presença do pajé, um líder na aldeia que também atua com o espiritual.

Essas são algumas das tantas visões que fazem parte de comunidades e dos indivíduos que as compõem. Assim, é fundamental refletir que a cosmovisão de cada um atravessa o ambiente escolar, pois as crianças, junto das suas famílias, compartilham de certas visões de mundo, como a religiosidade. Dessa maneira, assim como a minha escolha foi a de desenvolver análises sobre livros que abordam sobre a temática da morte e do luto com perspectivas não religiosas, também é possível, enquanto docente, optar por utilizar uma multiplicidade de livros que abordam sobre a morte e o luto a partir de diferentes entendimentos proporcionados por distintas religiões. O essencial é possibilitar o acesso dos estudantes a diferentes interpretações, não se contentando com apenas uma. Nesse processo, é importante estabelecer discussões reflexivas com os estudantes.

A partir das reflexões anteriormente realizadas, indico que o meu intuito foi o de trabalhar com uma seleção de obras laicas e reflexivas. Sendo assim, as seguintes obras foram escolhidas:

Para onde vamos quando desaparecemos? (2015) escrita por Isabel Minhós Martins, com ilustrações de Madalena Matoso; Sinopse: Já parou para pensar aonde vão as meias sem par? A areia da praia levada pelo vento? E o barulho, quando tudo fica em silêncio? Esses são alguns dos mistérios que a vida distribui aos montes, e a verdade é que há algumas perguntas que nem mesmo os adultos conseguem responder com certeza. A mais difícil talvez seja esta: para onde vão as coisas, e as pessoas, quando não estão mais aqui? Cada um tem uma resposta diferente, mas, já que ninguém sabe ao certo qual é a certa, podemos dar asas à imaginação e inventar mil e uma possibilidades!

O pato, a morte e a tulipa (2023) escrita e ilustrada por Wolf Erlbruch; Sinopse: Um dia, o pato se dá conta da presença da morte logo atrás dele — e tem certeza de que a sua hora chegou. Mas as coisas tomam um rumo inesperado, e os dois começam a passar um tempo juntos. Com o pato, a morte desfruta um pouco da vida: eles dão mergulhos no lago, tiram longas sonecas e sobem na copa das árvores. A partir dessa amizade inusitada, esta obra-prima da literatura infantil nos convida a refletir sobre o fim da vida e os momentos que o rodeiam — que podem ser tão delicados quanto uma tulipa.

Vovó virou semente (2023) escrita por Rodrigo Ciríaco e ilustrada por Priwi; Sinopse: Luiza é uma criança alegre e sensível, que adora visitar sua vovó, conversar e ouvir histórias. Tudo fica diferente quando sua rotina (e vida) é transformada por um vírus que ameaça o

planeta. *Vovó virou semente é um* livro sobre encontros e despedidas. Sobre ressignificar nossas dores. Sobre o amor, que continua a florescer, mesmo nas horas mais desafiadoras.

Íris – uma despedida (2012) escrita por Gudrun Mebs, com ilustrações de Beatriz Martín Vidal; Sinopse: Íris adoece gravemente e logo é internada em um hospital. O medo, a esperança e a tristeza transformam a vida de toda a família, especialmente a de sua irmã mais nova, que narra uma história cujos acontecimentos ela não compreende muito bem, mas que tenta, de todas as maneiras, elaborar. *Íris – uma despedida* é um livro comovente, capaz de provocar reflexões em leitores de todas as idades.

Harvey, como me tornei invisível (2012) escrita por Hervé Bouchard, com ilustrações de Janice Nadeau; Sinopse: Nesta premiada novela gráfica, texto e imagens trabalham juntos para narrar uma história emocionante, poética, inteligente e esteticamente surpreendente. Hervé Bouchard e Janice Nadeau conseguem retratar com extrema sensibilidade, os sentimentos e as percepções de um menino que precisa lidar com a morte súbita do pai. Para enfrentar tamanha e inesperada perda, Harvey procura interpretar fragmentos da realidade e refugiar-se em seu mundo de fantasia, dominado por seu herói Scott Carré, o incrível homem que encolheu até se tornar invisível.

Nesse contexto, em relação à busca da temática deste TCC, pretendeu-se realizar um levantamento da literatura disponível sobre o assunto. Foi necessário pesquisar, ler, analisar e escolher a literatura a ser utilizada. Partiu-se do uso da Literatura Infantil no contexto histórico educacional. Em seguida, a apreensão da morte e do processo de elaboração do luto na infância no contexto educacional. Depois, o papel de professores e professoras no processo de ensino e aprendizagem relacionado à morte e ao luto envolvendo o uso de livros de Literatura Infantil e do luto. E, por fim, a leitura e a análise de livros de Literatura Infantil que abordam a morte e o luto. Nesse sentido, após o material ter sido escolhido, a escrita da redação do TCC foi elaborada ao longo do tempo, na ordem já descrita acima.

2.3 Análise de Conteúdo: inspiração para um processo crítico e reflexivo

Entre as diversas possibilidades de analisar dados qualitativos, considero essencial destacar que a técnica da Análise de Conteúdo feita neste trabalho foi realizada a partir de uma adaptação inspirada nas ideias de Bardin, unindo-as com o referencial teórico e os livros de Literatura Infantil utilizados. A técnica da Análise de Conteúdo pode ser compreendida a partir da seguinte explicação:

No universo das pesquisas qualitativas, a escolha de método e técnicas para a análise de dados, deve obrigatoriamente proporcionar um olhar multifacetado sobre a totalidade dos dados recolhidos no período de coleta (corpus), tal fato se deve, invariavelmente, à pluralidade de significados atribuídos ao produtor de tais dados, ou seja, seu caráter polissêmico numa abordagem naturalística. Um método muito utilizado na análise de dados qualitativos é o de análise de conteúdo, compreendida como um conjunto de técnicas de pesquisa cujo objetivo é a busca do sentido ou dos sentidos de um documento (Campos, 2004, p. 611).

A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo. Esta metodologia objetiva extrair significados e categorizar o conteúdo. Franco (2005) afirma que a Análise de Conteúdo caracteriza-se enquanto uma abordagem metodológica crítica, apoiada em uma concepção que reconhece o papel ativo do sujeito na produção do conhecimento. A autora evidencia que o método de Análise de Conteúdo tem como ponto de partida a mensagem, seja ela verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada. Esta mensagem deve manifestar um significado, um sentido. Segundo Bardin (2016) a Análise de Conteúdo ocorre a partir:

.Da Pré-análise: momento de organizar o material a partir do qual as ideias preliminares serão sistematizadas; reconhecer a importância ou não dos materiais pesquisados. Nesta etapa, realizei pesquisas em sites de literatura acadêmica a partir de palavras-chave, como: “luto na infância”; “morte na Literatura Infantil”; “papel do professor no ensino da morte”. Fiz pesquisas no Google e no Youtube, li sinopses e assisti a resenhas e a contação de histórias para que fosse possível optar por um livro e não por outro. Também realizei uma leitura inicial dos resumos e posteriormente dos textos na íntegra para ter um entendimento geral do conteúdo, além de fazer o mesmo com as sinopses dos livros de forma online. Em relação a estes, comprei todos físicos e os li na íntegra. Neste processo, alguns deles foram excluídos deste trabalho, pois não queria utilizar obras que tivessem o uso de termos clichês como “virou estrelinha” ou com uma compreensão religiosa sobre a morte.

.Da Exploração do Material: encontrar informações importantes para o estudo em questão. Nesta etapa, além da leitura inicial anteriormente realizada (leitura flutuante), realizei uma segunda leitura grifando os trechos que considereei como mais importantes e adicionando comentários nos PDFs para me auxiliar no processo de exploração do conteúdo.

.Do Tratamento dos Resultados e Interpretação: processo de dar sentido e significado aos dados coletados e estabelecer diálogo com o material teórico. Nesta etapa,

após ter realizado a leitura efetiva dos textos, me engajei no processo de análise crítica das informações. Neste momento, os dados destacados foram organizados e sintetizados, levando em conta as informações essenciais para o processo de interpretação e de conclusão do conteúdo temático. Nesse processo, me debrucei na elaboração de análises críticas e reflexivas.

Nesse sentido, as seções teóricas e de análise estão organizadas da seguinte maneira, respectivamente: a seção intitulada “Contexto educacional da Literatura Infantil” abordará o desenrolar histórico da Literatura Infantil: o seu surgimento enquanto resultado de mudanças sociais e da valorização da criança e da infância; seus escritores pioneiros; o seu uso enquanto instrumento de alfabetização e de formação crítica, abordando inclusive temas complexos. Depois, a seção intitulada “Apreensão da ideia de morte e do processo de luto na Infância no contexto educacional” abordará a discussão sobre os modos pelos quais o luto é compreendido e vivido, tendo como base diversas teorias da área da psicologia, além de apontar a defesa da educação sobre a morte enquanto modo de experienciar o luto de maneira mais saudável, contribuindo para o desenvolvimento emocional das crianças. Posteriormente, a seção intitulada “Docência com crianças, morte e luto: as potencialidades da Literatura Infantil como mediação pedagógica” abordará a discussão sobre a importância de tratar sobre a morte e o luto no ambiente escolar com apoio da Literatura Infantil, além da formação adequada dos professores, vislumbrando a escola enquanto local potencializador para o desenvolvimento emocional das crianças.

Já a seção intitulada “Análise, à luz da prática pedagógica, de livros de Literatura Infantil sobre a morte e o luto” abordará a importância dos docentes analisarem e escolherem livros de Literatura Infantil de qualidade que tratam sobre a morte e o luto, refletindo sobre a maneira pela qual esses temas são introduzidos, desenvolvidos e concluídos, apontando a literatura como meio de construção de sentido para as crianças. Posteriormente, haverá uma análise específica de livros de Literatura Infantil seguindo essa linha de raciocínio. E, por fim, a seção intitulada “Derradeiras Considerações” destacará as reflexões finais em relação ao trabalho desenvolvido, indicando que a morte ainda é considerada um tabu na sociedade ocidental. A partir desta problemática, vislumbra-se o uso da Literatura Infantil enquanto meio de abordar o tema na escola, construindo conhecimento junto das crianças em relação à morte e ao luto.

3 CONTEXTO EDUCACIONAL DA LITERATURA INFANTIL

A Literatura Infantil é a literatura destinada à criança, possuindo o objetivo de que através do fictício e da fantasia, cada uma delas seja capaz de captar informações que ofereçam a possibilidade de compreender o mundo ao seu redor (Cademartori, 1986). Nesse sentido, reflete-se sobre o fato de que a literatura é um tipo de herança cultural, sendo um importante meio de potencializar os conhecimentos a serem elaborados pelas crianças. A Literatura Infantil possibilita que a criança passe a conhecer o mundo através da fantasia e do lúdico, fomentando a sua imaginação e criatividade, facilitando a compreensão de acontecimentos da vida e a resolução de conflitos internos.

Por conseguinte, a partir das explanações de Gregorin Filho (2009), é essencial compreender que a concepção de Literatura Infantil e infância estão entrelaçadas e que consequentemente afetam o entendimento do que é considerado adequado ou não para as crianças, como por exemplo: abordar a morte e o luto na infância. Explicita-se que até o século XVII, a criança era vista como um adulto em miniatura, caracterizando-se como uma etapa a ser ultrapassada para que finalmente o indivíduo se tornasse produtivo e contribuísse para a família e para a sua comunidade. Nesse período, destaca-se a inexistência do que atualmente compreendemos como Literatura Infantil, pois a literatura destinada para adultos e crianças era exatamente a mesma, não havendo distinção por faixa etária ou amadurecimento psicológico, sendo acessada por diferentes pessoas devido à classe social, em que os indivíduos mais privilegiados liam os grandes clássicos e os indivíduos das classes mais populares entravam em contato apenas com a literatura oral, mantida pela tradição de sua comunidade, já que não tinham acesso à escrita.

Portanto, indica-se que a partir do século XVII a criança passou a ser considerada como um ser com necessidades e características próprias. Tal fato influenciou a adaptação de contos de fadas para atender às suas necessidades, no intuito de partilhar valores morais para a sua educação. Nesse século, as sociedades estavam se industrializando, de modo que novas classes sociais surgiram, como o proletariado e a burguesia. Assim, houve mudanças significativas na organização social e no entendimento do que é uma criança e quais são as suas necessidades, trazendo novos valores a serem perpassados. Consequentemente, provocou-se inúmeras adaptações de clássicos da literatura, como a Cinderela e muitas outras histórias que foram originadas nas classes intelectualizadas e populares (Cademartori, 1986).

Destaca-se que a Literatura Infantil tem a sua origem através de transformações sociais na Europa. Assim, compreende-se que apesar de já haver manuscritos para crianças, como escritos pelos protestantes com fins religiosos, a literatura pedagógica, na cultura erudita e a literatura oral, de vertente popular, tem o francês Charles Perrault considerado como seu pioneiro. No século XVII, Perrault coletava narrativas populares e lendas da Idade Média e adaptava-as segundo os valores da classe a qual era destinada, a burguesia e também segundo o que passou a ser considerado apropriado para o público infantil, dando origem aos chamados contos de fadas (Cademartori, 1986).

Sendo assim, com o auxílio de Cunha (1999), entende-se que a Literatura Infantil surgiu a partir de transformações sociais e econômicas, sendo inúmeras adaptações realizadas para atender a especificidade do público infantil influenciadas pelas demandas desse novo modelo de sociedade. Na Europa, Charles Perrault realizou a coleta e a adaptação de diversas histórias. Essa coleta dos contos abarcava o conto folclórico, que na época era destinado aos adultos e que após a adaptação eram direcionados ao público infantil e o caráter de advertência, em que os personagens que desobedecessem as regras sempre sofriam punição.

A transformação da literatura popular em infantil, por Perrault, é caracterizada por uma depreciação ao que era associado ao popular e pelo uso de princípios morais da sociedade burguesa. Esses contos abrangiam: *A bela adormecida*, *Cinderela*, *Chapeuzinho vermelho*, *Barba azul*, *Henrique do topete*, *O gato de botas*, *As fadas*, *A gata borralheira*, *O pequeno polegar*, entre outros. A origem da Literatura Infantil também está ligada aos irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, que, no século XIX, realizaram uma coleta de contos, na Alemanha, e transformaram-se em Literatura Infantil. Entre eles estão: *A bela adormecida*, *Os músicos de Bremen*, *Os sete anões e a branca de neve*, *A chapeuzinho vermelho*, *A gata borralheira*, etc (Cademartori, 1986).

Já em relação à origem e à evolução da Literatura Infantil no Brasil, evidencia-se que apenas pode-se identificar a sua presença após a implantação da Imprensa Régia, em 1808, com a chegada de D. João VI ao país. As obras publicadas nessa época eram traduções e adaptações das obras portuguesas. Até esse momento, as crianças liam textos não literários escritos com intenções didáticas e/ou moralizantes. A Literatura Infantil chegou ao país de adaptações de histórias europeias por Alberto Figueiredo Pimentel, através de obras como: *Contos da carochinha*, *Histórias da avozinha*, *Histórias da baratinha*. Portanto, é só a partir de 1920, que surgiu a produção de uma Literatura Infantil nacional com Monteiro Lobato,

através da obra: *A menina do narizinho arrebitado*. Lobato era nacionalista e por esse motivo teceu histórias com características típicas do Brasil, contando com costumes do campo e lendas do folclore, sendo a obra: *O sítio do Picapau Amarelo*, um exemplo (Cademartori, 1986).

Considerando o contexto da Literatura Infantil no Brasil, aponta-se para o fato de que a partir da década de 70, levando em conta o analfabetismo no país, houve a tentativa de erradicar tal problema a partir da alfabetização de adultos, com o Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização), que não obteve resultados positivos. Segundo a autora, essa necessidade de transformação da sociedade brasileira relacionada à necessidade de saber ler e escrever está interligada ao aumento da classe média, do consumo de livros e da elevação do nível de escolaridade de maneira geral, provocado pela reforma do ensino. Com isso, infere-se que diante dessa situação, buscou-se uma nova alternativa, investir no ensino básico, vislumbrando o livro como uma ferramenta necessária para que as crianças aprendessem a ler e a escrever. A partir de então, aponta-se para o fato de que observam-se esforços nos diversos níveis de ensino, do básico à universidade, relacionados à proposição da leitura como forma de promover mudanças positivas e eficazes na educação do país.

À vista disso, expressa-se que historicamente a escola, enquanto parte da sociedade, trata a Literatura Infantil enquanto uma ferramenta para atender outras demandas e objetivos e não pela literatura por si mesma, desconsiderando o seu essencial papel na compreensão do mundo pelas crianças. No entanto, indica-se que nas últimas décadas, o modo de entender a Literatura Infantil vem se transformando, passando a contar com produções ricas e diversificadas, tratando de temáticas e problemáticas atuais da sociedade (Cademartori, 1986).

A partir dessas explanações realizadas relacionadas ao contexto histórico da Literatura Infantil, é possível refletir sobre os muitos autores e autoras que têm se dedicado ao longo dos anos, elaborando livros com temáticas potentes, críticas e reflexivas, expandindo o trabalho com inúmeros gêneros literários, possibilitando que as crianças os conheçam, inclusive abordando questões vistas como tabu em nossa sociedade ocidental, relacionados às temáticas da morte e do luto, por exemplo.

4 APREENSÃO DA IDEIA DE MORTE E DO PROCESSO DE LUTO NA INFÂNCIA NO CONTEXTO EDUCACIONAL

Segundo Luna e Moré (2017) no início e metade do século XX, havia uma preocupação entre os estudiosos em caracterizar e distinguir o estado de luto de outros estados psicológicos. Ressalta-se que há concepções que abordam como se dá o processo intrapsíquico e interpessoal de adaptação e resolução da experiência de luto. Nesse sentido, observam-se os conceitos de trabalho de luto (Freud, 1917/1974), transição psicossocial (Parkes, 1988), fases de luto (Bowlby, 1961) e modelo do processo dual de luto (Stroebe e Schut, 1999). Explica-se que o debate contemporâneo sobre a experiência de luto enfatiza os padrões comportamentais. Diante disso, reflete-se sobre o fato de que a pessoa enlutada pode se direcionar para a manutenção do vínculo com quem morreu, quando está centrada no confronto da realidade da perda e, ao mesmo tempo oscilar, quando ao mesmo tempo desenvolve atividades de reconstrução da identidade (Stroebe; Schut, 1999).

As autoras explicitam que o modelo do processo dual de luto problematiza a ideia de um modelo normativo de sofrimento caracterizado pelo desligamento psíquico, trazendo à reflexão o processo de continuidade e transformação do vínculo com a pessoa que morreu, como tratado por Klass, Silvermann e Nickmann (1996), quando refletem sobre a experiência de “vínculos contínuos” no luto. Já Bowlby (1998) e Parkes (2009), quando propõem compreender a redefinição dos modelos operativos internos ou mundo presumido; e Neimeyer (2001), que ressalta o processo de reconstrução da estrutura do sistema de significados. Todos esses autores reconhecem o paradoxo da perda, primeiro descrito por Marris (1993) como um processo de transformação de concepções e crenças básicas à vida.

Destarte, evidencia-se que Parkes (2009) usou a expressão “mundo presumido” para denominar o mundo interno percebido como verdadeiro, composto por concepções sobre nós mesmos, nossa capacidade de lidar com os perigos e as nossas crenças que dependem do nosso senso de significado e propósito de vida. Sendo assim, a experiência de luto pode ser compreendida enquanto uma crise de manutenção e transformação do mundo presumido, ao nível cognitivo, interpessoal e social. O mundo presumido é considerado organizador da atenção e do afeto. Gillies e Neimeyer (2006) salientam que a reconstrução do significado não acontece apenas quando uma pessoa está em processo de luto, mas também entre ela e as pessoas ao seu redor, pois as estruturas de significados formam as construções sociais, os discursos sociais em torno do mundo em que se vive, e que se tornam reais através das ações

realizadas no mundo (Luna; Moré, 2017).

Logo, indica-se que a vertente construcionista social contribui para a reflexão sobre os sistemas linguísticos envolvidos na coconstrução da experiência de luto. Wambach (1985) destaca o conceito “processo de luto” enquanto uma narrativa importante na sociedade contemporânea. Este processo serve como guia e marcador de tempo para as experiências vividas a partir de uma perda, refletindo sobre o fato de que as conversações nos grupos de mútua ajuda eram dadas pelas fases pelas quais o enlutado deve se reconhecer e passar. Destaca-se a atividade linguística e interpretativa desta comunidade no sentido de reconstruir a realidade após uma perda, o que exige construir narrativas singulares, lidar com significados pré-existentes e construir novos significados (Luna; Moré, 2017).

A perspectiva da reconstrução do significado pode ser observada em Attig (2001), quando considera que o processo de luto envolve uma reaprendizagem do mundo, isto é, viver, pensar e atuar no mundo sem a pessoa que morreu. Destacam-se dois processos: dar significado e encontrar significado. O primeiro processo caracteriza-se por quais significados são dados às experiências e sofrimentos, possibilitando reavaliar seu lugar no mundo, tendo como base os novos significados criados. Já o processo de encontrar significados é caracterizado pela necessidade de lidar com significados anteriormente vivenciados antes da pessoa ter falecido.

O processo de reconstrução do significado descrito por Attig (2001) é semelhante aos dois padrões comportamentais descritos no modelo do processo dual de luto, pois “encontrar significados” envolve o confronto com a realidade da perda, o que exige manter uma parte dos significados associados ao mundo presumido antes da perda; e “dar significados” envolve afastar-se do mundo presumido, pela construção de uma nova realidade. Portanto, o processo de luto segundo a teoria da reconstrução do significado envolve dois padrões: encontrar e dar significado, os quais geram a experiência de transformação do mundo presumido (Luna; Moré, 2017).

Nesse sentido, é essencial compreender as narrativas de luto que são significativas às pessoas envolvidas na perda de alguém. Para que isso aconteça, Luna e Moré (2017) sugerem que as redes de relações e as pessoas em luto protagonizem conversações para que seja possível reconstruir significados sobre a vida sem a pessoa falecida. É importante que as pessoas protagonistas do processo de luto envolvidas na crise de manutenção e

descontinuidade de significados e na transformação do mundo presumido como uma experiência coletiva, possam conversar e partilhar o que estão sentindo e pelo que estão passando, sejam elas idosas, adultas, jovens ou crianças.

A compreensão da morte e do processo de luto na infância são considerados essenciais para que as crianças sejam capazes de encarar com a maior clareza possível, a perda de um familiar ou de um conhecido, apesar de toda a complexidade envolvendo esse assunto. A partir do exposto, visualiza-se a essencialidade de retirar a morte do campo dos tabus de nossa sociedade se quisermos tratar dos mais variados sentimentos decorrentes desse acontecimento, como a raiva, a tristeza, o medo, a angústia e a saudade, que podem acarretar consequências negativas para as crianças, ainda mais quando esses sentimentos não são partilhados com os adultos, deixando a responsabilidade para as próprias crianças de lidarem com a morte e com as suas consequências emocionais e afetivas.

Além disso, compreende-se a possibilidade de inteirar as crianças sobre a morte antes mesmo que ela aconteça, evitando transtornos mais devastadores. Entende-se que se a criança já apresenta uma familiaridade com o assunto, quando ela o experiencia de perto, tal acontecimento já foi anteriormente introduzido e explanado, o que pode colaborar para uma gradual compreensão do que é a morte. O entendimento sobre o que é a morte auxilia no desenvolvimento de um processo crítico e reflexivo menos abrupto e mais informativo, o que consequentemente colabora para um processo de luto que não é vivenciado de forma isolada e solitária, mas que é preenchido por lembranças, memórias, partilhas e conversas. Diante do exposto, propõe-se uma trajetória que precisa ser vivenciada e não ignorada.

Nesse sentido, Cortes e Sirelli (2016) evidenciam o silêncio enquanto uma estratégia de silenciamento dos adultos diante da morte para as crianças. Reflete-se sobre o uso de falas que omitem o que realmente aconteceu, como por exemplo dizer que a pessoa: “está dormindo”, “viajou”, “foi para o céu”, isto é, são dadas explicações superficiais, sem que haja uma conversa sobre o porquê a pessoa não voltará mais ou que a morte é um evento natural da vida, o que acaba impedindo que a criança possa vivenciar e partilhar esse momento de maneira coletiva. Evidencia-se que a nossa cultura é caracterizada pelo silenciamento diante da morte, abafando e suprimindo os sentimentos relacionados a ela, como se o tempo fosse apagar o que aconteceu.

No entanto, reflete-se sobre o fato de que o processo de elaboração do luto está

associado à apropriação da dor e da ausência, possibilitando seguir em frente através da ressignificação do que aconteceu. Ou seja, impedir que a criança viva o luto é muito negativo, pois tomar atitudes como não comunicar sobre a morte de alguém, inventar histórias e forçar a criança a seguir a sua vida como se nada tivesse acontecido, não possibilita que a criança conheça a realidade e lide com ela. Consolida-se um sentimento de confusão, dúvida e isolamento.

As crianças, assim como as pessoas de todas as demais faixas etárias, sofrem e sentem saudades do ente perdido e por esse motivo é essencial que haja apoio e acolhimento emocional para que seja possível passar por esse momento, compartilhando sentimentos complexos. É importante considerar que além de conversar sobre a morte, seja possível incluir a criança nos ritos de passagem da pessoa que faleceu enquanto mais um meio de propiciar a compreensão do que aconteceu e a elaboração de seu luto futuramente. Além disso, não é porque a pessoa faleceu que deve ser esquecida. É saudável lembrar a existência da pessoa, contando histórias, mostrando fotos e vídeos para a criança enquanto um meio de celebrar a vida dessa pessoa.

Em suma, Marcelino (2023) ressalta a importância de que haja diálogo com a criança em relação à morte, considerando que ela é capaz de desenvolver o seu próprio entendimento de acordo com seu desenvolvimento cognitivo, social e emocional, considerando a idade e as experiências vividas por ela até então. Evidencia-se que se não houver comunicação verbal, a criança irá perceber, através do cotidiano, que alguma coisa aconteceu: a pessoa não apareceu mais; não falam sobre ela; as pessoas ao seu redor estão tristes, o que pode gerar confusão e dúvida sobre a situação, provocando sofrimento para a criança, pois a perda de alguém causada pela morte acarreta consequências e tem significados para ela e conseqüentemente para o seu desenvolvimento. É essencial que haja acolhimento para que a criança não se sinta desamparada e perdida.

Sendo assim, compreendendo que a morte é um acontecimento que perpassa pela infância, é necessário vislumbrar-la como um assunto que também é da criança, pois a tentativa de poupá-la do sofrimento, escondendo tal acontecimento, não oferecendo explicações e dizendo que “a pessoa foi viajar”, “virou estrelinha” e “está no céu”, acaba trazendo angústias ainda mais profundas, pois propicia a ideia de que a pessoa pode voltar. Por isso, considero fundamental apoiar e orientar as crianças, conversando e falando a respeito da morte, tendo como intuito proporcionar um diálogo honesto e que responda às

suas dúvidas em relação à tal temática, preocupando-se sempre em oferecer as informações de maneira adequada, buscando propiciar explicações de maneira que as crianças sejam capazes de compreender, sendo por tais motivos que a apreensão da ideia de morte e do processo de luto na infância devem continuar sendo estudados e pesquisados.

Diante do exposto e a partir das considerações de Flores (2021) é possível defender que falar sobre a morte é uma forma de romper esse tabu tão presente em nossa sociedade ocidental. Para que esse processo aconteça de forma efetiva, é necessário que o tema morte passe a fazer parte da educação das crianças, naturalizando e desmistificando tal acontecimento. Assim sendo, a escola pode ser um fundamental espaço de preparação e reflexão sobre tal assunto. É importante considerar que:

Nesse sentido, falar sobre a morte com crianças não significa entrar em altas especulações ideológicas, abstratas e metafísicas nem em detalhes assustadores e macabros. Refiro-me a simplesmente colocar o assunto em pauta. Que ele esteja presente, através de textos e imagens, simbolicamente, na vida da criança. Que não seja mais ignorado. Isso nada tem a ver com depressão, morbidez ou falta de esperança. Ao contrário, a morte pode ser vista, e é isso o que ela é, como uma referência concreta e fundamental para a construção do significado da vida (Azevedo, 2003, p. 58).

Assim, considerando o contexto escolar, pode-se pensar no professor enquanto uma possibilidade de trazer a morte enquanto assunto em sala de aula, utilizando exemplos que abordam a natureza, como por exemplo o ciclo da vida dos animais, das plantas e do desenvolvimento humano. Ademais, também é possível e essencial abordar a morte para além do fator biológico, mas também tratando do fator emocional, abordando os sentimentos que consolidam a vivência do luto causado pela perda de um ente querido. Diante disso, pode-se refletir a importância de projetos, cursos e palestras serem realizados nas escolas para profissionais da educação, para a família, e principalmente para jovens e crianças, buscando uma conscientização coletiva.

A partir desse contexto, é importante considerar diferentes estratégias para tratar sobre a morte com as crianças, como por exemplo através de filmes, desenhos animados e da Literatura Infantil. Os livros podem servir enquanto uma vital ferramenta para a compreensão da morte e para a elaboração do luto, haja vista que:

[...] as histórias têm o poder terapêutico, pois ajudam emocionalmente as crianças que enfrentam suas dificuldades psicológicas. A criança identifica seu mundo real com o mundo mágico da literatura, ocorrendo um vínculo que possibilita a resolução dos conflitos internos. Tal consequência positiva que a história proporciona na vida

da criança nos remete a importância de uma leitura prazerosa (Marques, 2013, p. 56).

Assim sendo, é possível refletir sobre o fato de que apesar das escolas terem aprimorado seus currículos, trabalhando com diferentes tipos de temáticas, como por exemplo a sexualidade e a diversidade, o tema da morte ainda é muito apagado e ausente. Com isso, Flores (2021) contribui para a reflexão, citando a possibilidade de abordar o modo como cada cultura olha a morte e realiza seus rituais fúnebres; as taxas de mortalidade nas diferentes localidades do mundo; as causas-morte; a história da morte, dentre outras tantas questões. Dessa maneira, defende-se a morte enquanto um conteúdo a fazer parte do currículo das escolas, pois se na escola se ensina e se educa para a vida, tratar sobre a morte também faz parte desse processo.

Ademais, a criança enlutada em sua vida familiar também é uma estudante enlutada na escola e em sala de aula, o que traz consequências importantes para o seu desempenho escolar, círculo social e seu bem estar. Desse modo, destaca-se a essencialidade da escola e do professor estarem preparados para acolher as demandas que o fato morte e o processo de elaboração do luto exigem, visando a formação de indivíduos mais conscientes e acolhedores, pois, a professora, enquanto sujeito que fomenta e potencializa a trajetória para a construção de conhecimentos, é capaz, a partir de uma formação de qualidade, de programas de apoio e de recursos didáticos, de desenvolver atividades com os estudantes em relação à temas considerados tabus, como é o caso da morte e do luto. É importante que o docente se entenda enquanto profissional fundamental para a defesa de que os seus estudantes tenham a possibilidade de entrar em contato com conhecimentos e visões mundo que fora do ambiente escolar eles não têm, proporcionando o contato com diferentes maneiras de compreender a vida e também a morte. O professor, com estudo, pesquisa, formação e confiança de que conhecer é necessário, é capaz de evidenciar a importância de que apesar de difíceis, as temáticas da morte e do luto não só podem, como devem estar presentes no ambiente escolar. A criança também é um sujeito de direitos, assim como os jovens, os adultos e os idosos e assim como deve ter direito de aprender a vida, também deve saber que faz parte dela a chegada da morte. Compreender a realidade, é um direito das crianças.

5 DOCÊNCIA COM CRIANÇAS, MORTE E LUTO: AS POTENCIALIDADES DA LITERATURA INFANTIL COMO MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA

Gomes e Martins (2023) evidenciam que a escola, enquanto ambiente educativo, é um espaço facilitador de aprendizagens e da superação de medos, como a morte e o luto, por exemplo. Incluir tal temática por meio da literatura, de rodas de conversa e de debates proporciona a oportunidade de que os estudantes entrem em contato com esse assunto e se conscientizem diante dele, possibilitando que reflexões em relação à vida e à morte sejam feitas. Por conseguinte, ao enfatizar a relevância da abordagem do tema no ambiente escolar, Kovács (2005, p. 488) sugere que a escola deve “preparar atividades pedagógicas sobre o tema da morte, lidar com crianças e adolescentes que possam estar passando por situações de perda e luto e propor bibliografia para subsidiar a formação dos professores nesse assunto específico”. Nesse contexto, é possível refletir sobre o fato de que a Literatura Infantil pode ser um recurso de apoio para que os(as) docentes tratem sobre a temática da morte e do luto com seus estudantes, oferecendo momentos de conversa para que os elementos da história sejam analisados e discutidos, visando a sua melhor compreensão.

Entretanto, para que os(as) docentes sejam capazes de trabalhar com tal temática com seus estudantes, é necessário que aconteça uma integração curricular e a inclusão do tema nos cursos de formação. É necessário preparar os(as) profissionais da educação para que sejam capazes de abordar temáticas complexas. Nessa linha de raciocínio, Gomes e Martins (2023) propõem a implementação de propostas práticas, como os programas de apoio, nos quais profissionais capacitados para lidar com as situações de luto atuam. Propõe-se também que sejam desenvolvidos materiais didáticos e recursos que sirvam de apoio para o(a) docente tratar o tema de maneira lúdica. Além disso, sugere-se a revisão na ementa curricular para que seja considerada a inserção do tema na graduação dos(as) pedagogos(as), fomentando que haja uma preparação destes profissionais para lidar e trabalhar com tal temática no ambiente escolar.

Oliveira e Rodrigues (2021) evidenciam a importância de ter conhecimento sobre o luto infantil e o processo pelo qual a criança passa para poder elaborá-lo. O(a) docente precisa estar atento às mudanças comportamentais durante o processo de luto como, por exemplo: distanciamento dos colegas, comportamento agressivo, baixo desempenho escolar, entre outros. É importante que o(a) docente acolha o estudante enlutado, compreendendo suas

reações diante do que ele está vivenciando, permitindo que se expresse, pois, a partir de sua fala e suas brincadeiras e de outras situações que ocorrem no ambiente escolar, a criança, aos poucos, vai conseguindo se expressar e se comunicar com o mundo ao seu redor, colaborando para a elaboração do seu luto.

Nesse sentido, evidencia-se que, tanto professores quanto os pais devem ter preparo para apoiar as crianças nas situações de perdas, acompanhando o processo de enfrentamento da morte e da perda, para que no futuro possam superar essa vivência da maneira mais saudável possível. Isto é, a conscientização sobre a morte fazer parte do ciclo natural da vida dos seres vivos, incluindo os seres humanos, é essencial para que a construção de conhecimentos relacionados à morte e ao luto sejam consolidados, facilitando a compreensão da morte e a elaboração do luto quando a perda de um ente querido acontecer. Dessa maneira, Oliveira e Rodrigues (2021) salientam a importância de que a escola, juntamente dos familiares, tenham conhecimento de que a criança precisa vivenciar seu luto para que ela possa elaborar seus sentimentos e que privá-la disso apenas dificulta o seu processo de enlutamento. É essencial que a criança possa construir um diálogo aberto com a família, participe dos rituais fúnebres caso ela queira e também tenha orientação através da psicoterapia.

Dessa maneira, é possível refletir sobre o fato de que o papel dos professores e professoras ao tratar da morte e do luto na infância, localiza-se no fato de que, por muitas vezes, as crianças não possuem um entendimento consolidado sobre tal evento até que ele aconteça, o que traz muitas dúvidas e barreiras emocionais e afetivas a serem tratadas. Sendo assim, partindo da análise do ambiente escolar, mais especificamente da sala de aula, vislumbra-se as crianças não apenas como estudantes que estão na instituição educacional para aprender conteúdos da matriz curricular, mas que também devem entrar em contato com temáticas que englobam assuntos complexos, relativos à vida desses indivíduos, sendo necessário considerá-los como sujeitos plurais e que possuem a sua própria bagagem social, histórica e cultural. Em síntese, não tratar da morte e do luto na escola, seria como negar o direito das crianças a compreenderem um acontecimento natural, biológico e social da vida de todas as pessoas.

Em relação aos cursos voltados a essa temática, Flores (2021) evidencia que no Brasil, apenas em 1986, Maria Júlia Kovács cria a disciplina optativa: Psicologia da Morte, no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP). E, que posteriormente, em 2000,

Kovács também cria o Laboratório de Estudos sobre a Morte (LEM) dentro da USP, consolidando uma extensão que possibilita a realização de parcerias com escolas, por exemplo. Assim sendo, Flores (2021) nos auxilia a refletir sobre a necessidade de ao menos haver uma disciplina na graduação, mesmo que optativa, principalmente para cursos de licenciatura, para formar docentes aptos a abordar a morte em sala de aula, tornando-se também capazes de acolher estudantes enlutados. Desse modo, fica evidente a necessidade de atualização nos estudos acadêmicos relacionados ao entendimento da criança sobre a morte e também relacionados ao luto infantil.

Diante desse contexto, Kovács (2012) apresenta o programa Amigos do Zippy, ligado à Associação para a Saúde Emocional da Criança (ASEC), enquanto uma possibilidade em relação a propostas para a Educação Infantil e para o Ensino Fundamental por abordarem temas relacionados a perdas e mudanças na vida, incluindo a morte. Como uma possibilidade dentre tantas propostas pedagógicas, evidencia-se a visita a cemitérios enquanto um local que propicia a apreensão da morte. Além desta, outras possibilidades são citadas:

Apresentamos as propostas de inclusão do tema da morte na escola: discussão de casos de alunos vivendo situações de morte; criação de espaços para sensibilização, escuta, acolhimento, reflexão, esclarecimento e expressão de sentimentos; participação da comunidade escolar em rituais de morte e apoio familiares; atividades para o dia de Finados e outras datas significativas; encaminhamento a profissionais especializados, produção de material didático sobre a morte (Kovács, 2012, p. 78).

Assim sendo, também é possível defender o uso de livros de Literatura Infantil enquanto possibilidade de inserir as crianças na temática da morte e do luto. O (a) docente, com uma consolidada formação e em consonância com projetos realizados na escola, pode também, a partir da contação de histórias, conversar e explicar sobre o tema, além de acolher as crianças que possam estar passando pela perda de um ente querido. A morte não precisa e não deve ser abordada apenas quando se sofre a perda de alguém, mas antes disso, durante o cotidiano, em um dia normal. A vida, que soa tão natural, também é acompanhada da morte. Esta, que é tão certa, não deve ser escondida das crianças, pelo contrário, deve ser entendida por elas. A criança também é um sujeito de direitos e enquanto parte ativa da sociedade, também deve adquirir os conhecimentos necessários para se tornar um cidadão autônomo e crítico. Dessa maneira, compreende-se que:

Entretanto, apesar de haver despreparo e receio de pais e professores em discutir a morte, cotidianamente o cenário educacional oferece situações e conteúdos em que essa temática se encontra presente. Na Literatura e Língua Portuguesa, ela vem como tema de poemas e contos; em Ciências, é possível vê-la tanto direta como

indiretamente associada a conteúdos como meio ambiente ciclo da vida, doenças, higiene e profilaxia; em História e Geografia, está relacionada a fatos, contextos históricos, ação individual e coletiva do homem, conflitos, guerras, desmatamentos, ocupação indevida do solo, catástrofes naturais, entre outras; em Artes, encontra-se representada em letras de músicas, em peças teatrais, em pinturas etc (Melo, 2007).

Em conclusão, vislumbra-se a necessidade do assunto ser discutido em sala de aula para que as crianças possam partilhar as suas vivências e sentimentos, possibilitando que encontrem no professor, um interlocutor que as auxilie a lidar com a ideia de morte e com uma possível perda, atuando enquanto um profissional referência para se obter informações e para um amparo emocional, sendo por tais motivos que o papel de professores e professoras no processo de ensino e aprendizagem relacionado à morte e ao luto deve ser estudado e pesquisado.

6 ANÁLISE, À LUZ DA PRÁTICA PEDAGÓGICA, DE LIVROS DE LITERATURA INFANTIL SOBRE A MORTE E O LUTO

A análise de livros de Literatura Infantil que abordam a morte e o luto é visada no sentido de entrar em contato com diferentes tipos de abordagens sobre tal temática. A análise é feita abarcando os meios pelos quais a narrativa é iniciada, desenvolvida e concluída, tratando das relações entre os personagens, o modo como a morte é retratada e como os personagens lidam com ela. É interessante refletir se as explicações utilizadas são metafóricas ou objetivas em relação à morte e ao luto, o que possibilita que considerações sejam realizadas no sentido de analisar as possíveis contribuições de tais narrativas para que as crianças sejam capazes de compreender ou não a morte e o processo de luto a partir da Literatura Infantil.

Sendo assim, a partir das considerações realizadas, indico que considero-me motivada a estudar e a pesquisar sobre as problemáticas e os desdobramentos causados pelo luto na infância, buscando os meios pelos quais a Literatura Infantil pode auxiliar as crianças a compreenderem a morte. Nesse sentido, a minha maior motivação é buscar, refletir e utilizar um aporte teórico que seja capaz de embasar as minhas considerações sobre a temática, buscando descobrir possíveis meios pelos quais professores e professoras possam elaborar ações pedagógicas a partir da Literatura Infantil. O principal intuito é o de conscientizar as crianças sobre o assunto e prepará-las para esse eventual momento, além de colaborar de forma positiva para o processo de enlutamento das crianças que estão passando por uma perda. Dessa maneira, objetiva-se uma formação crítica, consciente e reflexiva das crianças, considerando-as como sujeitos ativos, capazes e potentes nessa trajetória.

6.1 Caracterização do acervo literário

Quadro 1 - Caracterização geral das obras selecionadas

<p>Livro: Para onde vamos quando desaparecemos?</p> <p>Editora: Tordesilhinhas</p>	<p>Autora: Isabel Minhós Martins</p> <p>Ilustradora: Madalena Matoso</p>
<p>Livro: Íris - uma despedida</p> <p>Editora: Pulo do Gato</p>	<p>Autora: Gudrun Mebs</p> <p>Ilustradora: Beatriz Martín Vidal</p>
<p>Livro: O Pato, a morte e a tulipa</p> <p>Editora: Companhia das Letrinhas</p>	<p>Autor/Ilustrador: Wolf Erlbruch</p>
<p>Livro: Harvey, como me tornei invisível</p> <p>Editora: Pulo do Gato</p>	<p>Autor: Hervé Bouchard</p> <p>Ilustradora: Janice Nadeau</p>
<p>Livro: Vovó virou semente</p> <p>Editora: Nós</p>	<p>Autor: Rodrigo Ciríaco</p> <p>Ilustradora: Priwi</p>

Fonte: Elaborado pela autora

6.2 Análise do acervo literário

Levando em conta a relevância da compreensão da morte a partir da Literatura Infantil devido à sua invisibilidade em nossa sociedade ocidental, sendo considerada como tema tabu, evidencia-se a importância de estudar e pesquisar sobre tal temática neste TCC, perspectivando responder sobre **como a abordagem da Literatura Infantil na escola pode contribuir para a ruptura com tabus em torno da morte e para a elaboração do luto na Infância**. Nesta seção analisarei a narrativa, o repertório de explicações utilizado em relação à temática da morte, isto é, a sua abordagem, a maneira como a apresentação da temática é realizada e de que maneira contribui para uma efetiva e consolidada compreensão do que é e de como a morte acontece, tendo como suporte a base teórica estudada, pesquisada e trabalhada no desenvolvimento deste trabalho.

Assim sendo, Dalla-Bona e Fonseca (2018) auxiliam a refletir sobre o fato de que a literatura não deve e não precisa ser apenas informativa, mas que possibilite, através de elementos da narrativa, a construção de conhecimentos com potencial literário de divertir a criança, auxiliá-la a compreender e refletir sobre o mundo ao seu redor. É essencial que haja um trabalho criativo em relação ao texto verbal e imagético do livro, indo para além de conclusões previsíveis e da centralidade na “moral da história”, em ensinar uma lição, sem recursos poéticos de linguagem. Tais autores evidenciam a essencialidade de oferecer às crianças, histórias que as provoquem a pensar, que gerem diferentes interpretações. Explicita-se que não é necessário que haja um final feliz, sendo fundamental a existência de elementos ao longo da narrativa, que colaborem para a interpretação que cada leitor dá à história.

Nesse contexto, Dalla-Bona e Fonseca (2018) evidenciam a importância do papel do professor em possibilitar que o estudante tenha acesso ao maior número de obras possível, ampliando seu universo cultural. O professor deve incentivar que o estudante interprete as pistas deixadas pelo autor da obra literária e também que seja capaz de refletir e se expressar sobre os conteúdos relacionados e despertados pela obra. Assim sendo, é necessário que o professor saiba analisar e escolher bons livros, como é expressado no seguinte trecho:

[...] o professor de literatura das séries iniciais do Ensino Fundamental e da educação infantil enfrenta o dilema de conciliar o literário com o pedagógico, sem deixar de observar questões de ordens tão distintas quanto o material de confecção da obra; o formato favorável ao seu manuseio; a fonte empregada na impressão; a inteligibilidade sintática e lexical do texto; a elaboração imagética das ilustrações em

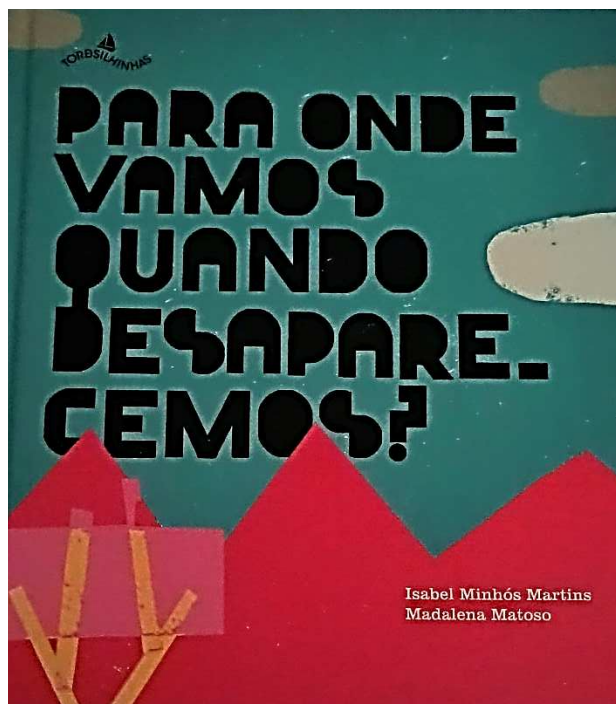
termos de cores e formas, e outros tantos elementos em um mar de publicações (Cosson, 2013, p. 20).

Para além disso, Paiva (2011) evidencia a função humanizadora da Literatura Infantil ao refletir sobre o fato de que contar e ouvir histórias possibilita a consolidação da comunicação entre pessoas, permitindo a partilha de experiências e sentimentos. As histórias fazem parte da vida de todas as pessoas desde a infância devendo estar presentes, inclusive, no contexto escolar. Através dos livros, é possível transitar entre o mundo da imaginação e o real. Assim, ressalta-se a potencialidade da Literatura Infantil atuar enquanto um meio para fortalecer o vínculo entre educador e educando, favorecendo o acolhimento à criança em suas questões emocionais e promovendo a aprendizagem. A partir desta compreensão, colabora-se para a reflexão de quão importantes são as histórias no desenvolvimento dos estudantes na linguagem, expressão corporal, oralidade, ampliação de vocabulário, imaginação e também no seu entendimento de mundo. Esta ideia pode ser compreendida a partir do seguinte trecho:

[...] no campo emocional as histórias podem ajudar as crianças a elaborar e vencer dificuldades psicológicas bastante complexas, pois oferecem a possibilidade de se construir uma ponte entre seu mundo — às vezes de modo inconsciente — e a realidade externa (Paiva, 2011, p. 68).

Diante das ideias apresentadas, é essencial considerar que os docentes sejam capazes de analisar, escolher, apresentar e refletir juntos de seus estudantes, sobre bons livros, isto é, obras que tenham qualidade tanto em relação à diagramação, ilustrações, fonte, espaços vazios, como em relação à narrativa, pistas, desafios e reflexões provocadas no leitor. O professor deve ser um sujeito atuante, que colabora e conduz os seus estudantes a partir da Literatura Infantil, durante a construção da sua trajetória de ensino e aprendizagem sobre as mais diversas temáticas, como a morte e o luto, por exemplo.

Figura 1 – Para onde vamos quando desaparecemos? (Martins, 2015)



Fonte: Acervo da autora

A obra, *Para onde vamos quando desaparecemos?* (2015) escrita por Isabel Minhós Martins, com ilustrações de Madalena Matoso, apresenta uma relação imprescindível entre o texto verbal e o não verbal, colaborando para a visualização e o entendimento da narrativa. As ilustrações são coloridas, vibrantes e por vezes com tons mais suaves e pastéis, sendo representativas do que está sendo narrado no texto. A história é contada na 1ª pessoa do plural, por um narrador personagem, que se inclui e participa no que está sendo contado, além de também fazer com que o leitor se sinta participante em tudo que está sendo dito por incluí-lo na “voz” da narrativa.

A história consiste em evidenciar que nós seres humanos, assim como todas as outras coisas no mundo (a natureza, como o sol, as nuvens, as folhas e os objetos, como as meias) desaparecem um dia. A grande questão da história é para onde todos nós e essas coisas vão parar quando não estão mais presentes fisicamente entre nós mesmos. A ideia de que todos estes elementos podem se transformar em alguma outra coisa e ainda estar presente de alguma maneira no mundo é evidenciada, trazendo questões como o fato das poças de água se transformarem em nuvens, as nuvens em chuva, a neve em água, o barulho virar silêncio, as rochas virarem areia, a areia virar praia. Já em relação ao sol por exemplo, é dado outro ponto

de vista, não é ele que desaparece, pois este permanece sempre no mesmo lugar, somos nós que vivemos no planeta Terra que aparecemos e/ou desaparecemos para ele. A narrativa traz muitas perguntas e ideias. São estabelecidas reflexões criativas sobre a passagem da vida, do tempo e da ação dele sobre o mundo e sobre nós seres humanos. A ideia é ter muito mais ideias sobre o assunto do que antes da leitura do livro, como pode ser analisado na passagem a seguir:

Podemos terminar em lugares inesperados (como as meias). Podemos subir até o céu (como as poças de água). Podemos formar praias (como a areia). Podemos voltar outra vez (como as nuvens). Podemos não ir a lado nenhum e ficar sempre aqui (como o sol) (Martins, 2015, s.p.).

Figura 2 – Para onde vamos quando desaparecemos? (Martins, 2015)



Fonte: Acervo da autora

A obra traz à tona diversos mistérios e dúvidas relacionadas à vida e à morte através da contação de uma história com explicações e comparações subjetivas, isto é, o fato morte não aparece enquanto assunto objetivo e concreto, mas fomenta que tal relação seja estabelecida e consolidada. É um livro muito interessante de ser lido e discutido entre a criança e o professor enquanto mediador, que pode auxiliar ainda mais nas reflexões e no processo de perguntas e respostas instigado pela história. Dessa maneira, compreende-se que:

Ao professor cabe aproximar os alunos de obras que superem as suas expectativas,

os instiguem, os desafiem e, para usar um termo de Jauss (1993, 2002), os emancipem, além de proporcionar ao leitor a participação na escolha do que vai ler e na definição dos rumos da construção do conhecimento, de forma que efetivamente participe e se comprometa com o processo de aprendizagem (Dalla-Bona; Fonseca, 2018, p. 45).

Assim sendo, no caso da obra escolhida, considero ser possível que concomitantemente à leitura, o professor vá fazendo questionamentos para as crianças em relação aos possíveis lugares e como objetos, elementos da natureza e os seres humanos vão parar com o passar do tempo. Neste caso, consolida-se uma leitura participativa entre docente e estudante. Após a leitura da obra, também é possível propor um momento de síntese oral em relação ao que entenderam da história, assim como uma atividade escrita, se as crianças já foram alfabetizadas. Nesses momentos, é possível dialogar sobre as transformações naturais, as causadas pela ação humana e as consequências para o mundo.

Além disso, o docente também pode tratar com as crianças sobre os sentimentos provocados ao longo da história em relação aos sumiços e mudanças, principalmente em relação à dúvida sobre onde vamos parar enquanto seres humanos quando desaparecemos, fazendo questionamentos e reflexões de modo a trazer à tona o fato morte, o qual todos os seres vivos passam um dia. A partir das alusões e metáforas da história, é fundamental que o docente consolide a ideia junto das crianças, de que o “desaparecer” das pessoas no livro, significa o sumiço provocado pela morte, a ausência física do corpo, da presença que antes existia. Desse modo, é importante considerar que:

Nós tentamos afastar-nos da morte, mas estamos diante dela em nosso cotidiano pessoal e profissional. Não dá para escapar! Por isso, faz-se necessário pensar na educação para a morte. Essa questão tem sido bastante discutida atualmente. Há cursos promovidos para tentar sanar essa lacuna. Mas eu penso além: penso na necessidade de introduzir a educação para a morte (ou educação para a vida?) para nossas crianças, desde pequenas. Acredito que isso deva começar na escola, uma vez que esta instituição é a que está mais próxima da família no cotidiano. Talvez, dessa forma, seja possível pensar em uma mudança de cultura (Paiva, 2011, p. 222).

Dessa maneira, compreendo que a obra *Para onde vamos quando desaparecemos?* (Martins, 2015) pode ser utilizada na construção de um percurso indagativo e reflexivo, muito mais do que enquanto um instrumento de respostas cristalizadas e certeiras. É uma narrativa construída com pistas e dúvidas, chamando o leitor a participar ativamente da busca por ideias que possam responder ou questionar ainda mais o que está sendo dito. Sendo assim, é possível inferir a possibilidade de utilizar essa obra enquanto uma forma de abordar a morte e o luto. O essencial é que a abordagem da temática seja capaz de propiciar e contribuir para o

entendimento natural da morte, mesmo que ela envolva tantos mistérios ainda não desvendados, levando em consideração que podemos entender o que ocorre após seu desfecho factual de diferentes maneiras.

Figura 3 – O pato, a morte e a tulipa (Erlbruch, 2023)



Fonte: Acervo da Autora

A obra, *O pato, a morte e a tulipa* (2023) escrita e ilustrada por Wolf Erlbruch apresenta uma relação indissociável do texto verbal com o não verbal, de modo que as ilustrações representam os personagens e o desenrolar da narrativa. As ilustrações apresentam tons leves e claros, recordando o uso de lápis através da técnica de sketch, dando ênfase principal nos personagens. A maioria das páginas tem a presença dos personagens citados no título da obra, contando com apenas algumas páginas com ilustrações mais minimalistas que contribuem para o enredo de maneira sutil e delicada, sem “roubar” a atenção da história que está sendo contada. O narrador é onisciente, isto é, está na 3ª pessoa do plural, demonstrando apresentar total conhecimento dos pensamentos e emoções dos personagens, o que permite com que o leitor conheça profundamente os personagens para além de suas falas, mas também sobre o que se passa dentro de si, o que fomenta a sensibilidade do que os personagens estão vivenciando no próprio leitor, que acaba se conectando com eles.

A narrativa é construída a partir da história de que um dia, o pato percebe a presença física e visível da morte junto dele e diante disso, tem a certeza de que irá morrer. No entanto, uma relação amigável vai sendo construída entre o pato e a morte, passando um bom tempo juntos, conversando, passeando e refletindo. Aproveitando o tempo, a vida. Eles nadam no lago, dormem juntos e até sobem em uma árvore e refletem sobre o tempo, a vida, a morte, as mudanças e as permanências que tudo isso implica. Essa improvável amizade entre aquele que leva e aquele que será levado instiga que o leitor reflita sobre a passagem da vida, a chegada da morte e os tantos momentos entre esse período. A tulipa aparece de forma sutil e delicada na história, sempre nas mãos da morte, como quem espera para se despedir, ou melhor, se encontrar com aquele que levará no futuro, no caso, o pato. Enquanto a morte e o pato convivem e passam tempo juntos, a tulipa desaparece, como se tivesse sido guardada no bolso, como se o momento fúnebre do fim da vida não fosse o mais importante, mas sim tudo aquilo que está acontecendo antes disso, durante a vida.

Figura 4 – O pato, a morte e a tulipa (Erlbruch, 2023)



Fonte: Acervo da autora

O pato, bem nos representa enquanto seres humanos diante da ideia e do acontecimento da morte. Ele apresenta inúmeras questões inquietantes, como o que acontece

depois que morremos e a morte, com um tom perspicaz e quase sarcástico, mais oferece perguntas do que respostas, como pode-se perceber no diálogo a seguir:

- Alguns patos dizem que a gente vira anjo e fica sentado numa nuvem olhando a Terra lá embaixo.
 - É bem possível — disse a morte —, afinal, asas vocês já tem.
 - Alguns patos também dizem que debaixo da Terra, lá no fundo, tem um inferno onde a gente é assado se não tiver sido um bom pato.
 - Cada coisa que vocês patos imaginam, mas quem sabe?
 - Então você também não sabe! — grasnou o pato.
- A morte apenas olhou para ele (Erlbruch, 2023, s.p.).

Em outro momento, quando a morte e o pato sobem na copa de uma árvore, outra questão inquietante aparece. Lá de cima o pato pensa que quando ele estiver morto, o lago que estão vendo logo a frente, ficará sem ele, sozinho. Mas a morte oferece uma explicação objetiva e resolutiva para o pato: “Quando você estiver morto, o lago também não vai estar mais lá, pelo menos não para você” (Erlbruch, 2023, s.p.), como se quase houvesse uma relação recíproca de ausência entre aquele que morreu e aquele que permaneceu e este poderia ser um ponto de vista para lidar e compreender a situação.

Com o passar do tempo, o pato vai ficando mais quieto, sente a necessidade de ficar mais recluso, se sentindo indisposto, demonstrando querer o afago da morte, como se ela o pudesse acolher de alguma maneira. Até que, enfim, a hora da partida do pato chegou, ele simplesmente deixou de respirar pacificamente. A morte, mais do que aquela que retira a vida do pato, o assiste, o carrega e o coloca no lago junto da tulipa, como em um ato de despedida, um ato fúnebre. A morte, expressa por pouco não ficar triste, mas finaliza com a opinião conclusiva de que assim é a vida.

Figura 5 – O pato, a morte e a tulipa (Erlbruch, 2023)



Fonte: Acervo da autora

A obra traz à tona diversas dúvidas e questões relacionadas à vida e à morte através da contação de uma história com explicações e conversas objetivas e concretas, fomentando que o leitor vá sendo envolto pela narrativa e pelo ponto de vista cético da morte, que aparece de maneira natural na história. É um livro rico e potente de ser lido e discutido entre a criança e o professor enquanto mediador, que pode auxiliar ainda mais nas reflexões e no processo de perguntas e respostas instigado pela história. Dessa maneira, compreende-se que mesmo na fase de formação do leitor, o professor precisa considerar que: “Ler é imergir num universo imaginário, gratuito, mas organizado, carregado de pistas as quais o leitor vai assumir o compromisso de seguir, se quiser levar sua leitura, isto é, seu jogo literário a termo.” (Bordini; Aguiar, 1993, p. 27)

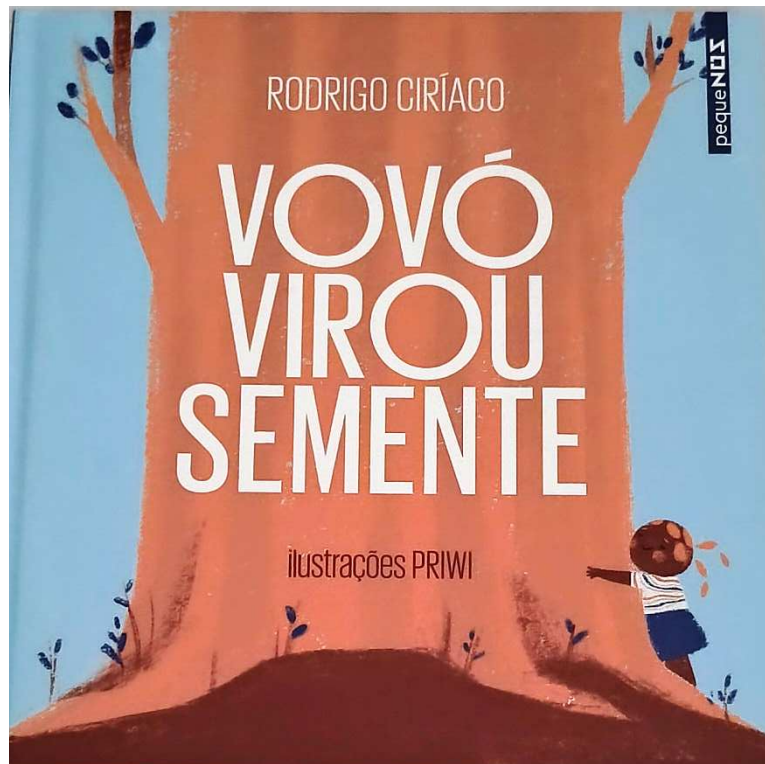
Assim sendo, no caso da obra escolhida, considero interessante que durante a leitura do livro, o professor vá atentando os estudantes a prestarem atenção nos detalhes das ilustrações, fazendo uma leitura contínua da história. Neste caso, consolidando uma escuta atenta. Após a leitura da obra, é possível propor um momento de síntese oral em relação ao que entenderam da história, sobre as ilustrações e personagens, o papel de cada um na

narrativa, assim como uma atividade escrita, se as crianças já foram alfabetizadas. É importante que o docente aborde com as crianças os sentimentos provocados ao longo da história em relação ao vínculo que vai sendo construído entre a morte e o pato, desmistificando a comum aversão que nós, enquanto sociedade ocidental, temos em relação ao fim da vida. A partir das aparições, diálogos e da aproximação física entre os personagens morte e pato à medida que a história vai se desenrolando (demonstrando a construção de uma amizade), é possível que o professor dialogue junto das crianças sobre tal relação com a possibilidade de nós, enquanto seres humanos, também estarmos cientes e conscientes da morte, enxergando-a com naturalidade e aceitando-a como parte da vida. Dessa maneira, é essencial estar ciente de que:

A morte, bem sabemos, faz parte de nossas vidas, mas dela não queremos saber, a não ser sabê-la bem longe de nós. Entretanto, ela salta aos olhos diariamente, nas notícias dos jornais, divulgando informações e conscientizando-nos de nossa condição humana. Ao mesmo tempo que invade de maneira escancarada nossas vidas, sem pedir licença, é interdita, pois não se quer falar dela ou pensar nela... Nota-se, assim, a conspiração do silêncio. Diante disso, questiono: Por que não falar da morte, se é uma realidade que vivemos ao longo de nossas existências? Ao negá-la tão veementemente corremos o risco de banalizá-la, tornando-a indiferente a nós, tão presente e tão ocultada (Paiva, 2011, p. 27).

Dessa maneira, compreendo que a obra *O pato, a morte e a tulipa* (Erlbruch, 2023) pode ser utilizada na construção de uma trajetória reflexiva em relação à morte. Sendo assim, é possível inferir a possibilidade de utilizar essa obra enquanto uma forma de abordar a morte e o luto. A graciosidade em abordar a temática da morte de maneira natural está na sinceridade de revelar que ela simplesmente acontece, sem amarras e segredos. Esta também é uma maneira de inserir a criança nas temáticas relacionadas à morte e ao luto. A criança, através dos personagens, das suas dúvidas, medos e reflexões, é guiada a compreender o que acontece na vida real.

Figura 6 – Vovó virou semente (Ciríaco, 2023)



Fonte: Acervo da autora

A obra, *Vovó virou semente* (2023) escrita por Rodrigo Ciríaco e ilustrada por Priwi apresenta relação inseparável entre o texto verbal e o não verbal. As ilustrações representam, detalham e enriquecem o que está sendo narrado pelo texto escrito. As ilustrações apresentam cores em tons pastéis, com traços que recordam o uso de giz. O texto verbal e o não verbal se complementam, ambos assumindo papel de fundamental importância para a obra. O narrador é do tipo personagem, conta a história na 1ª pessoa pessoa do singular, o que possibilita ao leitor compreender o que a personagem principal da história está passando, o que acaba gerando ainda mais interesse em continuar a leitura, pois logo se quer saber o que acontecerá a seguir com a personagem.

A narrativa é composta pela história de Luiza, uma criança feliz e muito próxima de sua avó, com a qual passa muito tempo. Juntas elas conversam, brincam, tomam café da tarde, a avó dá explicações e conta histórias. Há uma afetiva relação consolidada entre as duas personagens. A obra se inicia com a observação de Luiza em relação à textura da pele da sua avó, as dobras perto do olho, a mão amassada e a pele riscada. Percebendo tais características como evidência da velhice, Luiza questiona o porquê envelhecemos e a sua avó responde que envelhecemos para depois virar semente. Uma detalhada explicação é dada, estabelecendo

uma evidente analogia entre a morte e a germinação da semente, que se transformará em árvore. É explicado que a vida, quando experienciada desde o nascimento até a velhice passa por diversas etapas mais conhecidas como épocas de festança, até que, mais tarde, chega a hora das pessoas que nos amam se reunirem para nos plantar, se despedir. Mas, a avó também explica que a cada vez que somos lembrados, a semente cresce, cria raízes e depois vira árvore, como uma eterna memória viva. A história evidencia que a cada vez que se lembra sobre a pessoa falecida, é como se fosse possível fazer com que a pessoa ainda estivesse presente, mesmo que não mais como antes.

É interessante notar que até então a história se dá através de uma introdução da temática da morte, mesmo que por analogia, para a personagem principal e para o leitor da obra, preparando o “terreno” para o que acontece a seguir: a vida de todos é transformada pela pandemia causada por um vírus que colocou a vida de muitas pessoas em risco, como foi o caso da avó de Luiza, que teve de enfrentar a necessidade de continuar trabalhando para seus patrões, o que muito aconteceu na vida real. Algumas pessoas conseguiram trabalhar de casa e estudar remotamente, mas não foi o caso de muitas. Luiza relata a necessidade de fazer distanciamento, usar máscara e álcool em gel e tudo isso permeado de muito medo. Até que então o evento mais marcante da narrativa acontece: a avó de Luiza morre por conta do vírus.

A personagem principal nota que seus familiares estão tristes, cochichando, até que a sua mãe dá a explicação de que a vovó “se foi”; “foi pro céu”; “foi morar com o vovô”. Mas, Luiza não se convenceu, não concordou, pois enxergava a avó como uma árvore, uma semente, não como algo encantado que vive no céu. Apesar das angústias e dúvidas geradas pela dor da morte, sem uma despedida, do sentimento de raiva, com o tempo, passou a haver saudade, a lembrança dos bons momentos. A analogia realizada entre a morte de um ente querido e a transformação dessa pessoa através das lembranças que se tem sobre ela em uma árvore que gera sombra e refresca, consolida a ideia de que é possível estar junto da pessoa falecida de alguma maneira.

Essa obra abarca a possibilidade da ressignificação da vida, da morte, das memórias, e das mudanças após a morte de um ente querido causada pelas adversidades do mundo, como uma doença. A narrativa dá ênfase na essencialidade de darmos novos significados ao amor que temos pela pessoa que faleceu, florescendo como uma árvore frondosa. É uma obra rica e potente, que aborda tantas questões atuais e complexas. É uma mistura graciosa entre uma interpretação objetiva e subjetiva da morte, o que contribui para que o leitor entre em contato

com ambos horizontes e possa se encontrar e se entender diante e através delas. É um livro rico e potente de ser lido e discutido entre a criança e o professor enquanto mediador, que pode auxiliar ainda mais nas reflexões e no processo de perguntas e respostas instigado pela história. Dessa maneira, compreende-se que:

Portanto, ler literatura na escola é se inserir num mundo lúdico, prazeroso, divertido e emocionante, provocado por ações pedagógicas estruturadas, organizadas e planejadas, sem serem sisudas e impositivas, mas desencadeadoras da interação do leitor com o texto (Dalla-Bona; Fonseca, 2018, p. 45).

Assim sendo, no caso da obra escolhida, considero ser possível que concomitantemente à leitura, o professor vá fazendo questionamentos para as crianças em relação aos momentos que passaram durante a pandemia, como eram suas vidas antes, durante e depois, podendo comentar sobre pessoas que perderam, isto é, faleceram. Neste caso, consolida-se uma leitura participativa entre docente e estudante. Após a leitura da obra, também é possível propor um momento de síntese oral em relação à história, assim como uma atividade escrita, se as crianças já foram alfabetizadas. Nesses momentos, é possível dialogar sobre as mudanças que ocorreram na vida de todos durante esse período, as medidas de higiene, o isolamento social, as mortes em massa e os sentimentos gerados com todo esse contexto, como o medo, a ansiedade, a raiva, a saudade e também sobre a criação da vacina. Neste momento é possível dialogar sobre a atuação da ciência, de pesquisadores e profissionais da saúde ao desenvolver e aplicar vacinas e medicamentos para salvar vidas.

Além disso, o docente também pode problematizar junto de seus estudantes, que assim como na história do livro, no qual a avó de Luiza teve que continuar trabalhando durante a pandemia, utilizando transporte público, mesmo sendo idosa (grupo de risco) para garantir o seu sustento financeiro, isso também aconteceu na vida real com muitas pessoas, o que provocou ainda mais contaminação e conseqüentemente mais morte. Nesse sentido, é possível tratar junto das crianças, sobre os sentimentos de Luiza ao saber da perda de sua avó, fazendo reflexões sobre as alusões metafóricas utilizadas pela mãe da personagem ao contar sobre o que havia acontecido e a interpretação, ainda que de maneira também subjetiva de Luiza, relacionada ao modo como a avó anteriormente havia lhe explicado sobre a passagem do tempo e o fim da vida. Diante disso, é potencializador refletir sobre a seguinte ideia:

Creio ser importante repensar a morte na formação do indivíduo. Refletindo sobre o fato de que a morte faz parte da vida, é necessário preparar o ser humano para a morte desde sua infância. Entretanto, o que mais percebemos em nossa sociedade é que não se fala de morte com as crianças. Para alguns, pode parecer um tanto

mórbido ou mesmo cruel, mas não consigo imaginar um trabalho sobre a morte sem a elaboração da vida que nela se encerra. Para isso, é necessário que se pense na morte e que se fale sobre ela (Paiva, 2011, p. 30).

Dessa maneira, compreendo que a obra *Vovó virou semente* (Ciríaco, 2023) pode ser utilizada na construção de um percurso questionador e reflexivo. É uma narrativa potente, repleta de diálogos, críticas e desvendamentos, chamando o leitor a participar ativamente da busca por considerações em relação ao que está sendo contado. Sendo assim, é possível inferir a possibilidade de utilizar essa obra enquanto uma forma de abordar a morte e o luto.

Figura 7 – Vovó virou semente (Ciríaco, 2023)



Fonte: Acervo da autora

Figura 8 – Íris - uma despedida (Mebs, 2012)



Fonte: Acervo da Autora

A obra, *Íris – uma despedida* (2012) escrita por Gudrun Mebs, com ilustrações de Beatriz Martín Vidal, apresenta uma relação potente entre o texto verbal e não verbal. Há prevalência do texto escrito, contando com apenas algumas ilustrações, sendo todas elas da personagem Íris. As ilustrações são todas em tons terrosos com a presença de flores com um tom azul forte que envolve a menina. A medida que a narrativa vai sendo desenrolada, as flores vão cada vez mais abrangendo o corpo de Íris, primeiro elas aparecem apenas nos olhos afetados pelo tumor em sua cabeça, depois elas vão aparecendo ao longo de todo o seu corpo, até que sobram apenas as folhas pelos ares, quando enfim Íris morre.

Figura 9 – Íris - uma despedida (Mebs, 2012, p. 45)



Fonte: Acervo da Autora

A história é contada na 1ª pessoa do singular, por um narrador personagem, no caso do ponto de vista de uma criança que vivencia a descoberta e o desenvolver da doença de sua irmã, Íris. A narrativa é construída através dos relatos de uma menina, que ao lado de sua família, descobre e vivencia a doença de outra criança na família. Um tumor é descoberto na cabeça da irmã mais velha, ela adoece e fica internada em um hospital, passando por cirurgia e sendo cuidada até que logo se descobre que a doença é terminal. As explicações dadas para o pós morte são objetivas, concretas e sinceras, mas mesmo assim com muito tato, carinho e acolhimento, como pode ser percebido no trecho a seguir:

Acho melhor não bagunçar as coisas dela, mesmo que agora sejam minhas... Então a mamãe chegou e eu contei pra ela que eu tenho medo de bagunçar as coisas da Íris e que eu tenho um pouco de medo da alma da Íris, porque ela vê tudo, mas a mamãe disse que não é assim. A Íris morreu pra sempre, e ela só continua viva se a gente pensar bastante nela e nunca se esquecer dela e sempre se lembrar dela. Das coisas que ela dizia, das coisas de que ela gostava e das coisas de que ela não gostava. A mamãe disse que assim a Íris estará sempre com a gente. Mesmo que a gente não possa ver a Íris, a gente vai sentir a presença dela (Mebs, 2012, p. 70).

A história é repleta de relatos sinceros do ponto de vista de uma criança, que lida ao

lado de sua família, com sentimentos como o medo, a tristeza, a esperança, o luto e a saudade. A narradora vai relatando o dia a dia desde a descoberta da doença até o dia da morte de Íris, a internação, a cirurgia, os dias e noites afastada de sua mãe e pai que acompanham a sua irmã no hospital, o tempo que passa ao lado de sua avó, as conversas, os silêncios, o isolamento, o acolhimento, as dúvidas e também as certezas dadas por uma doença tão agressiva. Percebe-se que apesar de muitas incertezas, a narradora da história, irmã mais nova de Íris, tenta ir elaborando as transformações ocasionadas pela doença de sua irmã, o que também a permitiu ir elaborando o seu luto em vida e após a morte de Íris. A doença evidentemente provocou perdas na vida de todos ao redor de Íris, mesmo quando ela ainda estava viva. A mudança na rotina, a saudade, a preocupação, a certeza da sua partida em breve, a perda de uma filha, irmã, neta. São muitas partidas antes da definitiva morte chegar.

A obra traz à tona diversas dúvidas e questões relacionadas à doença e à morte através da contação da narrativa do ponto de vista de uma criança, a irmã mais nova da personagem que adoece e morre. As inquietações, dúvidas, diálogos e relatos são tão sinceros e próximos da realidade, contando com explicações e conversas objetivas e concretas, que consolidam uma relação próxima do leitor com a obra, que é abraçado pela narrativa desde a primeira página. A morte aparece de maneira objetiva na história, sendo construída e subentendida enquanto percurso consequente de uma doença. É um livro rico e potente de ser lido e discutido entre a criança e o professor enquanto mediador, que pode auxiliar ainda mais nas reflexões e no processo de perguntas e respostas instigado pela história. Dessa maneira, compreende-se “para adotar uma postura de disponibilidade, permitindo à obra que atue sobre seu esquema de expectativas através das estratégias textuais intencionadas para a veiculação de novas convenções” (Bordini; Aguiar, 1993, p. 84)

Assim sendo, no caso da obra escolhida, sendo esta longa e detalhada, considero fundamental que o docente leia ao longo de alguns dias, dando tempo e oportunidade para que as crianças assimilem as informações presentes na narrativa. Entendo ser possível que concomitantemente à leitura, o professor vá fazendo questionamentos para as crianças em relação às mudanças provocadas na rotina de toda a família com a descoberta do câncer de uma das crianças. É importante que o docente trate junto dos estudantes sobre a existência e o acometimento de doenças ao longo da vida, nas mais diversas faixas etárias. Este momento pode ser muito potente e reflexivo, citando medicamentos, vacinas e o saneamento básico como métodos para garantir a saúde da população. Neste caso, consolida-se uma leitura

participativa entre docente e estudante. Pode ser um oportuno momento em comentar que nem todas as doenças têm suas origens (seus porquês) descobertos, nem prevenções (como as vacinas), nem soluções certas (como os medicamentos). Assim como após a morte, também existe muito mistério na vida.

Após a leitura da obra, também é possível propor um momento de síntese oral em relação ao que entenderam da história, assim como uma atividade escrita, se as crianças já foram alfabetizadas. Nesses momentos, é possível dialogar sobre as transformações causadas pela doença no corpo humano, assim como abarcar os sentimentos de angústia, temor, saudade e dúvida provocados no círculo familiar e principalmente na criança mais nova, a personagem principal da história que acompanha a doença e conseqüentemente a morte da irmã mais velha. É essencial que o docente estabeleça diálogo com seus estudantes, principalmente com os que vivenciaram situações parecidas, dando-lhes a chance de compartilhar tais experiências. A história em questão também aborda o ritual fúnebre enquanto despedida da vida (o enterro; a presença do caixão). Nesse sentido, também é plausível dialogar com os estudantes sobre os diferentes tipos de rituais fúnebres, se os conhecem e se já os vivenciaram. Com isso, é importante destacar o fato de que:

Atualmente, a criança não participa do processo de morte e seus rituais. A meu ver, subestima-se a criança alegando-se protegê-la. Para que a criança não sofra, nós a impedimos de olhar para a realidade da vida e suas perdas. Os ganhos são valorizados, e as perdas, muitas vezes, negadas. E, por causa disso, reforçamos a dificuldade de lidar com as várias perdas vivenciadas ao longo da vida, com os valores mais diversos: o brinquedo quebrado, o animal de estimação que morre, o amiguinho que se mudou, a morte de alguém... É preciso lembrar que não podemos quantificar a dor, pois é individual, singular e subjetiva (Paiva, 2011, p. 30).

Assim sendo, compreendo que a obra *Íris - uma despedida* (Mebs, 2012) pode ser utilizada na construção de uma trajetória reflexiva. É uma narrativa potente, repleta de diálogos, lampejos de ideias e descobertas, chamando o leitor a participar ativamente do que está sendo vivenciado pelos personagens do livro. Sendo assim, é possível inferir a possibilidade de utilizar essa obra enquanto uma forma de abordar a morte e o luto. A essencialidade em abordar a temática da morte de maneira natural, objetiva e biológica encontra-se na sinceridade de revelar que ela acontece também por doenças, até mesmo na infância. Esta também é uma maneira de inserir a criança nas temáticas relacionadas à doença, à morte e ao luto. A criança leitora, através da história, é guiada a compreender o que acontece na vida real.

Figura 10 – Harvey, como me tornei invisível (Bouchard, 2012)



Fonte: Acervo da Autora

A obra, *Harvey, como me tornei invisível* (2012) escrita por Hervé Bouchard, com ilustrações de Janice Nadeau apresenta uma relação indissociável entre o texto verbal e o não verbal. O texto escrito e as ilustrações se complementam. As ilustrações apresentam tons terrosos e representam os personagens, os cenários e o desenrolar da narrativa, desde o início até o fim. Elas são tão detalhadas que evidenciam minuciosamente e com muita sensibilidade as expressões, os sentimentos dos personagens envolvidos na narrativa. A história é contada na 1ª pessoa do singular, por um narrador personagem, no caso do ponto de vista de Harvey, uma criança que vivencia a perda de seu pai, junto de seus familiares, principalmente de seu irmão mais novo e mãe. A narrativa é construída através dos relatos de Harvey, um menino que se depara e é obrigado a lidar com a morte súbita do pai, que teve um ataque cardíaco e faleceu em casa.

A história se inicia com um relato de um dia de lazer entre Harvey e seus amigos, realizando a costumeira competição de corrida de palitos, até que vão para casa e se chocam com a visão de vizinhos tristes, sua mãe desesperada e o corpo coberto de seu pai sendo levado embora. Os pensamentos, diálogos, dúvidas e inquietações são retratados com muita

sensibilidade e com uma riqueza de detalhes que instiga o envolvimento do leitor com a história, estabelecendo forte conexão com a realidade.

Figura 11 – Harvey, como me tornei invisível (Bouchard, 2012, p. 70)



Fonte: Acervo da Autora

É interessante notar a potencialidade reflexiva presente na história relacionada à elaboração da morte e do luto ao retratar a presença dos filhos, ainda crianças, no velório do pai. As sensações, impressões e sentimentos de Harvey referentes ao desenrolar das vivências no velório contribuem para que a criança leitora compreenda como ocorre um ritual fúnebre, incluindo os tantos e diferentes comentários que as pessoas fazem nesse evento, como pode ser notado no seguinte trecho:

Durante todo o tempo que durou o velório, que passou bem depressa, vieram muitas pessoas. Pelas palavras de todas aquelas pessoas que vieram ver meu pai, eu podia imaginá-lo um pouco, mas as descrições nem sempre eram muito claras. Elas o achavam pálido. Elas o achavam corado. Elas diziam que lhe deram um ar sério demais ou que o embranqueceram. Elas diziam que seu aspecto era o mesmo ou ainda que ele estava irreconhecível. Alguns o achavam muito bem. Vários disseram “Ah!”. Outros disseram “Oh!”. A tia Melina o achou limpo como nunca. O tio Raymond achou-o cinzento, como sempre. A tia Ratalineia disse que seus lábios estavam meio descorados. Um senhor rechonchudo o declarou solitário como um

homem. O tio Régis disse que ele estava magro demais. Vovó Bouillon disse que a testa dele estava abaulada. A tia Fiolineia achou suas faces encovadas. O tio Marcel disse que seus poros estavam fechados. A tia Ionaleia achou que o queixo dele estava caído. A tia Madelineia o achou abatido. Durante todo o velório (Bouchard, 2012, p. 140).

Figura 12 – Harvey, como me tornei invisível (Bouchard, 2012, p. 136)



Fonte: Acervo da Autora

A obra traz à tona diversas questões relacionadas à realidade da morte e do evento fúnebre através da contação da narrativa do ponto de vista de uma criança, que passa por muitos enfrentamentos internos envolvendo sentimentos e percepções sobre a morte de seu pai. As inquietações e relatos são objetivos e sinceros, conectando-se com a realidade, estabelecendo uma relação próxima do leitor com a obra. A morte aparece de maneira objetiva na história, sendo retratada de maneira visual pelas ilustrações, que muito enriquecem e potencializam o entendimento da criança leitora sobre tais eventos. É um livro rico e potente de ser lido e discutido entre a criança e o professor enquanto mediador, que pode auxiliar ainda mais nas reflexões e no processo de perguntas e respostas fomentado pela história. Dessa maneira, compreende-se que:

Uma ação pedagógica com essas características provocativas, problematizadoras e reflexivas provoca impactos no leitor (aluno) e em seu meio social (escolar e familiar), na medida em que, por meio da leitura literária, provoca a revisão de suas crenças, atitudes e valores (Dalla-Bona; Fonseca, 2018, p. 46).

Assim sendo, no caso da obra escolhida, sendo esta longa e detalhada, considero fundamental que o docente leia ao longo de alguns dias, dando tempo e oportunidade para que as crianças assimilem as informações presentes na narrativa. Entendo ser possível que concomitantemente à leitura, o professor vá fazendo questionamentos para as crianças em relação às mudanças provocadas na rotina de toda a família com a morte súbita de Laurent. É importante que o docente trate junto dos estudantes sobre a existência e o acometimento de doenças ao longo da vida, podendo acontecer de repente, de maneira súbita, como o infarto.

Após a leitura da obra, é possível propor um momento de síntese oral em relação ao que entenderam da história, os personagens da narrativa (suas personalidades) e falas, assim como uma atividade escrita, se as crianças já foram alfabetizadas. É importante que o docente aborde com as crianças os sentimentos provocados ao longo da história em relação às impressões tidas pelos mais diversos personagens com a morte de Laurent, principalmente durante o ritual fúnebre (velório). Apesar de se expressar e vivenciar a despedida de seu pai em família, Harvey, quando o vê no caixão, se sente pequeno, cada vez menor, até se tornar invisível, fazendo alusão ao seu herói Scott Carré, o incrível homem que encolheu até se tornar invisível. É fundamental que o docente estabeleça diálogo com seus estudantes, principalmente com os que vivenciaram situações parecidas, dando-lhes a chance de compartilhar tais experiências. Dessa maneira, é imprescindível levar em consideração que:

A morte, por ser desconhecida e considerada um tabu, suscita medos: medo de sentir dor, do sofrimento, da separação das pessoas queridas... Entretanto, o maior medo é o próprio medo. Por causa da falta de familiaridade com a ideia da morte, tenta-se fugir do medo dela. Mas, quanto mais se foge, mais o medo cresce. O medo da morte configura-se em uma angústia humana que tanto pode paralisar o indivíduo diante da vida como alavancá-lo em projetos de vida. Portanto, falar da morte é falar da vida. É a consciência da morte que traz sentido à vida (Paiva, 2011, p. 48).

Assim sendo, compreendo que a obra *Harvey, como me tornei invisível* (Bouchard, 2012) pode ser utilizada na construção de uma trajetória potente em relação à morte. Sendo assim, é possível inferir a possibilidade de utilizar essa obra enquanto uma forma de abordar a morte e o luto. A essencialidade em abordar a temática da morte de maneira direta e objetiva está na potência de revelar que ela acontece também de repente, de maneira inesperada. Esta também é uma maneira de inserir a criança nas temáticas relacionadas à morte súbita e ao

luto. A criança leitora, através da história, é guiada a compreender o que acontece na vida real.

7 DERRADEIRAS CONSIDERAÇÕES

O evento morte, vivenciado e vislumbrado enquanto tabu em nossa sociedade ocidental é tratado com tanto silenciamento entre os próprios adultos, que conseqüentemente acaba definindo a maneira como a morte é reportada e compreendida pelas crianças, sendo a perda de um ente querido muitas vezes considerada um segredo, um assunto impróprio e impossível da criança lidar, o que acaba consolidando uma relação de insegurança, silenciamento e distanciamento entre as crianças que passam pelo processo de luto sozinhas e confusas e os adultos mediadores que se sentem incapazes de oferecer suporte e acolhimento para elas. Tal realidade motivou o estudo e pesquisa da temática, considerando a importância da efetiva e consolidada compreensão do que é e de como a morte acontece, tendo como suporte a base teórica estudada, pesquisada e trabalhada no desenvolvimento deste trabalho.

Sendo assim, reitero que o trabalho buscou em linhas gerais desenvolver explicações sobre o luto na infância envolvendo o uso da Literatura Infantil no contexto educacional. Em seguida, a apreensão da ideia de morte e do processo de luto na infância no contexto educacional. Depois, a docência com crianças, morte e luto, abarcando as potencialidades da Literatura Infantil como mediação pedagógica. E, por fim, a leitura e a análise, à luz da prática pedagógica, de livros de Literatura Infantil sobre a morte e o luto, bem como responder à indagação sobre como a abordagem da Literatura Infantil na escola pode contribuir para a ruptura com tabus em torno da morte e para a elaboração do luto na infância.

A trajetória percorrida para a elaboração deste trabalho perpassou por um processo de leituras, análises, reflexões e escrita. Enquanto estudante, engajei-me no papel de pesquisadora, saindo da minha zona de conforto em busca de conhecimento sobre a temática. Ler diferentes estudos sobre o tema permitiu refletir sobre questões que sozinha não seria possível. Assim, defendo que só é possível consolidar um processo de escrita crítico e reflexivo a partir de uma leitura atenta de obras potentes. Com uma temática tão importante, os objetivos estabelecidos neste trabalho, sendo o geral: (Discutir como a abordagem da Literatura Infantil na escola pode contribuir para a ruptura com tabus em torno da morte e para a elaboração do luto na Infância) e os específicos: (Mapear o uso da Literatura Infantil no contexto educacional; Refletir sobre a importância da apreensão da ideia de morte e do processo de luto na Infância no contexto educacional; Argumentar sobre a docência com crianças, morte e luto, abarcando as potencialidades da Literatura Infantil como mediação pedagógica e Analisar, à luz da prática pedagógica, livros de Literatura Infantil que abordam a

morte e o luto), buscaram dar conta de evidenciar informações e reflexões que fossem capazes de convidar o leitor à reflexão, principalmente estudantes das licenciaturas e docentes para que pesquisas sobre o assunto continuem sendo feitas, buscando a defesa e a consolidação de práticas pedagógicas relacionadas às temáticas da morte e do luto no ambiente escolar.

Nesta pesquisa, ficou evidente a existência de diferentes tipos de cosmovisão que atravessam o contexto escolar, podendo o docente trabalhar com diferentes abordagens através dos livros de Literatura Infantil. Nesse contexto, destaca-se a necessidade de reconhecimento e afirmação do direito da criança compreender a morte para que possa elaborar o luto fica evidente com os estudos realizados. Diante deste essencial direito, fica cristalina a essencialidade do papel do docente para que haja a garantia desse direito em sala de aula. A Literatura Infantil, nesse sentido, é fundamental para mediar a compreensão da morte e para a elaboração do luto na Infância, pois ela tem o poder, através das narrativas, cenários, personagens e diálogos, de instigar que a criança crie um vínculo com todos esses elementos, tornando-a capaz de elaborar sentimentos durante a infância.

A partir dessas considerações defendidas, também encontro desafios para que tudo o que escrevi neste trabalho enquanto horizonte seja possível, como a necessidade de haver uma formação adequada e específica para que os professores saibam trabalhar com essa temática, propondo práticas pedagógicas e realizando uma boa curadoria de livros de Literatura Infantil. Para além disso, é necessário que as escolas estejam abertas e busquem dialogar com programas de apoio e ofereçam recursos didáticos para que os seus docentes consigam trabalhar com essa e outras temáticas. A inclusão da família nesse processo também é fundamental, pois em coletivo, com experiências compartilhadas e com a consciência de que assuntos complexos também fazem parte da vida das crianças, possibilita-se a construção de uma rede que potencializa o processo crítico e reflexivo na infância.

Dessa maneira, é possível concluir a essencialidade de abordar a temática da morte e do luto com as crianças utilizando a Literatura Infantil como um meio de propiciar a elaboração dos sentidos relacionados à perda. Inteirar a criança sobre a morte e como ela acontece é fornecer meios para que ela possa compreender a realidade do mundo ao seu redor e elaborar seu luto quando houver a perda de um ente querido. Apesar de ser considerado um assunto complexo e delicado, é necessário transpassar as amarras sociais que nos prendem ao silenciamento para que assim as crianças possam vivenciar a compreensão da morte e do luto.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Ricardo. **Contos de enganar a morte**. 1.ed. São Paulo: Ática, 2003.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura, a formação do leitor: alternativas metodológicas**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- BOUCHARD, Hervé. **Harvey, como me tornei invisível**. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.
- BOWLBY, John. **Grief and mourning in infancy and early childhood**. The psychoanalytic study of the child, v. 15, n. 1, p. 9-52, 1960.
- CAMPOS, Claudinei José Gomes. **Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde**. Revista brasileira de enfermagem, v. 57, p. 611-614, 2004.
- CIRÍACO, Rodrigo. **Vovó virou semente**. São Paulo: Editora Nós, 2023.
- CORTES, Ilana; SIRELLI, Nilda Martins. **A criança e o luto: a vivência da morte na infância**. Psicanálise & Barroco em Revista, v. 14, n. 2, 2016.
- COSSON, Rildo. **A formação do professor de literatura – uma reflexão interessada**. In: PINHEIRO, Alexandra Santos; RAMOS, Flávia Brocchetto (org.). **Literatura e formação continuada de professores. Desafios da prática educativa**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2013. p. 11-26.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil. Teoria e Prática**. São Paulo: Ática, 1999.
- DA FONSECA, João José Saraiva. **Apostila de metodologia da pesquisa científica**. 2002.
- DALLA-BONA, Elisa Maria; FONSECA, Jair Tadeu da. **Análise de obras da literatura infantil como estratégia de formação do pedagogo/professor: saber ler, saber escolher**. Educar em Revista, v. 34, n. 72, p. 39-56, 2018.
- DE OLIVEIRA, Suelen Dayanne Limberger; RODRIGUES, Fábio da Silva. **LUTO INFANTIL: como a escola lida com essa situação?**. Encontro Internacional de Gestão, Desenvolvimento e Inovação (EIGEDIN), v. 5, n. 1, 2021.
- ERLBRUCH, Wolf. **O pato, a morte e a tulipa**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2023.
- FERNANDES, R.; KUHLMANN JÚNIOR, M.; Sobre a história da infância. In: FARIA FILHO, L. M. (Org.). **A infância e sua educação: materiais, práticas e representações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004

FLORES, Dara Maria Martins S. **O luto infantil e a educação para a morte no contexto escolar.** Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná, UNICENTRO,[S. l.], p. 01-28, 2021.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise do conteúdo.** Brasília: Liber Livro, 2005.

GOMES, Cíntia Anastácio; MARTINS, Gisele Texdorf. **O PAPEL DO PEDAGOGO NA COMPREENSÃO E ACOMPANHAMENTO DO PROCESSO DE LUTO: REFLEXÕES SOBRE A ABORDAGEM DA MORTE NO CONTEXTO PROFISSIONAL.** Revista Cógno, v. 5, n. 2, p. 106-137, 2023.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. **Concepção de infância e literatura infantil.** Linha D'Água, n. 22, p. 129-135, 2009.

KLEIN, Karine. **A importância dos contos de fadas na elaboração do luto infantil.** 2017.

KOVÁCS, M. J. **Educação para a morte.** In: Psicologia Ciência e Profissão, v. 25, n. 3, p. 484-497, 2005.

KOVÁCS, Maria Julia. **Educadores e a morte.** Psicologia Escolar e Educacional, v. 16, p. 71-81, 2012.

LUNA, Ivania Jann; MORÉ, Carmen Ojeda. **Narrativas e processo de reconstrução do significado no luto.** Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer, v. 2, n. 3, p. 152-172, 2017.

MARCELINO, Geisa Cristina Silva. **O LUTO NA INFÂNCIA: CONVERSANDO COM A CRIANÇA SOBRE A MORTE.** Revista Saberes FAP Pimenta, v. 1, n. 1, 2023.

MARQUES, P, R, M. **Pedagogia da Morte: A importância da educação sobre o luto nas escolas.** São Paulo: Fonte editorial, 2013.

MARTINS, Isabel Minhós. **Para onde vamos quando desaparecemos?** São Paulo: Tordesilhas, 2015.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de; VIEIRA, Sofia Lerche. **Pesquisa educacional: o prazer de conhecer.** Fortaleza: Demócrito Rocha, 2001.

MEBS, Gudrun. **Íris - Uma despedida.** São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

MELO, Maria do Socorro Nascimento de. **A prática docente e a educação para a morte.** III ENCONTRO DE TANATOLOGIA DO CEARÁ, Fortaleza, 2007.

MENEGAZZI, Douglas Luiz; DEBUS, Eliane Santana Dias. **O Design da Literatura Infantil: uma investigação do livro ilustrado contemporâneo.** Calidoscópico, v. 16, n. 2, p. 273-285, 2018.

NEUFELD, C. B.; REIS, A. H. **O vovô não vai voltar? trabalhando o luto com crianças.** Novo Hamburgo: Sinopsys, 2015.

PAIVA, Lucélia Elizabeth. **A arte de falar da morte: a literatura infantil como recurso para abordar a morte com crianças e educadores.** São Paulo: Editora Ideias & Letras, 2011.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano** [recurso eletrônico]. Tradução: Cristina Monteiro; Mauro de Campos Silva. 12.ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

SANTANA, Kátiuscia Carvalho de. **O VIVENCIAR DO LUTO NA INFÂNCIA.** Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente, v. 13, n. edespmulti, 2022.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **Do projeto ao relatório de pesquisa.** Cadernos de formação: formação de professores. Educação, cultura e desenvolvimento, v. 3, 2015.